



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

AGEU MAGALHÃES FILHO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães

Entrevistado – Ageu Magalhães Filho (AM)

Entrevistadores – Antônio Torres Montenegro (AT) e Tânia Fernandes (TF)

Data - 04/01/1996

Local - Recife/PE

Duração – 3h52min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

FILHO, Ageu Magalhães. *Ageu Magalhães Filho. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e Memória do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães*, 1996. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 58p.

Resenha Biográfica

Foi diretor do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (1978-1986), médico e pesquisador. Pós-graduado em patologia pela Universidade de Washington e em imunologia pelo Instituto de Medicina Tropical da Universidade de Tulane (EUA), foi o primeiro patologista da Fiocruz Pernambuco, atuando como pesquisador durante dez anos e depois como diretor da instituição de 1978 a 1986. Como professor livre-docente em Patologia, atuou nas universidades federais da Paraíba (UFPB) e de Pernambuco (UFPE). Publicou vários trabalhos em revistas internacionais e na Revista Brasileira de Medicina Tropical, conquistando o prêmio “Gerard Domack”, em 1968, através de uma pesquisa que obtinha o mecanismo imunológico do *Schistosoma mansoni* no tecido humano, entre outros. O início de sua gestão na Fiocruz Pernambuco foi marcado pela reestruturação da instituição. Propôs uma parceria com os professores da UFPE, que não dispunham na universidade de recursos para pesquisas. Estes se uniram com os pesquisadores do Centro de Pesquisas e realizariam estudos de grande relevância para saúde pública. Ele também foi responsável por trazer a sede da instituição para o campus da UFPE. Obteve ainda o financiamento para vários projetos da Fiocruz, restaurou a estação de campo para estudo da esquistossomose situada em São Lourenço da Mata e iniciou a coordenação dos trabalhos de controle da peste em Exu, no sertão do estado. Faleceu em 22 de junho de 2013.

Sumário

Fita 1 - Lado A

A trajetória profissional de Aggeu Magalhães (pai); o trabalho científico do pai nos EUA; referência a Agamenon Magalhães; a criação do Serviço de Verificação de Óbitos (SVO); o descobrimento da esquistossomose em Pernambuco e a gastroenterite infantil no SVO; a produção de estatística anual de causa mortis; a Fiocruz e o financiamento de projetos ligados à esquistossomose; a Fundação Rockefeller e a relação com o SVO; a articulação para a criação do centro de helmintoses de Pernambuco; o falecimento do pai; as instalações do Instituto Aggeu Magalhães (IAM).

Fita 1 - Lado B

O seu trabalho na anatomia patológica do IAM; a gestão de Durval Lucena; os avanços na pesquisa da esquistossomose nos EUA; a bolsa de estudos; o retorno da pós-graduação para o Departamento de Anatomia Patológica; a relação do IAM com a Divisão de Organização Sanitária (DOS); o Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (CPqAM) após 1964; o convênio entre a Fundação Kellogg e a UFPE; a criação do Núcleo de Imunopatologia na UFPE; a possibilidade de fechamento do CPqAM; o contato com Keizo Asami; sua gestão no CPqAM; o convênio com a FINEP para a produção de antígenos; transferência de Célio e Alzira para Recife; as conquistas científicas no campo da peste e no estudo de bactérias; o projeto com o Japão.

Fita 2 - Lado A

O Acordo UFPE/Fiocruz para a construção do novo prédio do CPqAM; a movimentação política para a aprovação do acordo; a construção do Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami (LIKA); a ligação da UFPE com a Fiocruz; o convênio com o Japão; o financiamento da OMS para a construção do LIKA e do CPqAM; o CPqAM e o trabalho sobre filariose; a participação de dr. Frederico; a reforma na estação de campo de São Lourenço da Mata; EXU e a ligação com o Ministério da Saúde; a articulação política para montar uma escola de saúde pública em Pernambuco; o Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC); a filariose e a esquistossomose.

Fita 2 - Lado B

Celeuma médica: aspectos ineficientes do tratamento com antimônio; a tecnologia avançada do LIKA; o novo tratamento para a esquistossomose; as dificuldades do LIKA; o apoio do Japan International Cooperation Agency (JICA); o Instituto de Antibióticos; a sua saída da direção do CPqAM; a atuação política de Aggeu Magalhães (pai); as perseguições políticas aos familiares de Agamenon Magalhães; a formação humanística de Aloísio Magalhães.

Fita 3 - Lado A

Lembranças da infância; a adolescência: as professoras e a convocação para as forças armadas; a vida na época da universidade; a clínica médica e o início da profissão; a faculdade e o trabalho de pesquisa.

Fita 3 - Lado B

Impressões sobre literatura e ciência; opiniões sobre política e educação; o curso de medicina; hospitais ligados ao estado de Pernambuco e à Santa Casa da Misericórdia; Aloísio Magalhães.

Fita 4 - Lado A

Aloísio Magalhães e o tombamento de Manguinhos (Fiocruz/RJ); a cadeira de anatomia patológica da UFPE e o Hospital Pedro II; a boemia no bairro do Recife; a mulher americana; comentários sobre a energia e o mundo; Agamenon Magalhães, Aggeu (pai) e a influência na sua vida; a violência política dos anos 1930.

Fita 4 - Lado B

A política de Agamenon no estado: impostos, mocambos e o governo federal; o trabalho na Universidade da Paraíba; descreve o início da sua carreira como médico no Instituto Oswaldo Cruz; a criação da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco e o Hospital do Sancho.

Data: 04/01/1996

Fita 1 – Lado A¹

P - Para o projeto da História e Memória do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães. Dr. Ageu, vamos iniciar pelas suas memórias de infância como criança de Olinda, não é? Que acontecimentos lhe marcam daquele cotidiano tão diferente do de hoje?

AM - Bom, eu não tenho muita lembrança de Olinda desde que meu pai se mudou é, dois anos ou três anos depois do meu nascimento não é, que eu tive muito vaga ideia. Mas, (...) eu tenho, as minhas primeiras lembranças foram evidentemente aos seis, sete anos de idade por aí assim, quando eu comecei a perceber a, o que desempenhava a figura do meu pai como profissional médico muito ativo realmente, muito festejado, muitas amizades, muito atuante. A vida pública dele é uma coisa fantástica, de um modo geral, não é? Ele formou-se em 1920, mais ou menos, no Rio de Janeiro e, foi o laureado da turma. Defendeu tese, na própria formatura naquela época era coisa (...) tirando o grau de doutor, né? E veio pra Pernambuco, apesar do(...) Belisário Pena, se não me engano, naquela época, ele era um diretor de saúde, querer que ele ficasse no Rio, porque ele já era, no Rio de Janeiro ele fez muita amizade com grandes figuras, inclusive com o próprio Carlos Chagas. Que também admirava muito ele, de modo que ele ficou muito ligado ao Instituto Oswaldo Cruz. Mas ele declinou nos, dos convites de ficar no Rio e veio embora pra Pernambuco porque aqui ele precisava trabalhar e ajudar a família, e era muito grande. Tinha várias irmãs, órfãs, e ele precisava vir pra cá, ajudá-las. Aqui chegando ele encontrou uma figura muito importante que foi o Amaury de Medeiros, que era diretor de saúde pública de Re...da ca...de Pernambuco, e o homem, uma capacidade fantástica de trabalho e ele trabalhou, convidou pra fazer parte de sua equipe. E ele foi inclusive nomeado, não me lembro se quem, sob a influência de quem. Política naquela época, o diretor de Serviço de Profilaxia Rural, isso interessante, que foi um órgão existente, um órgão federal existente aqui em Pernambuco.

AT - O senhor voltou, imediatamente em 20, formou-se em 20?

AM - Formou-se e voltou, veio pra cá. Aí ele iniciou...

TF - Já casado? Ou não?

AM - Não, aí ele iniciou um trabalho fantástico que era o de combater a febre amarela e o paludismo, né? a malária. Foi um trabalho muito bom, pioneiro e eles recebiam naquela época da Fundação Oswaldo Cruz, da *Fundação Rockefeller*, americana, dinheiro pra trabalhar, pra essa campanha, com essa febre amarela no Brasil.

¹Legenda:

(?) – trechos, expressões ou palavras inteligíveis ou inaudíveis

(...) – pausas curtas durante a entrevista

(...) (...) – pausas longas durante a entrevista

(INT) – interrupção de gravação

Itálico – palavras ou expressões citadas em língua estrangeira

“Aspas” – citações de títulos de obras ou palavras inexistentes e oficialmente

Tido o governo de Sérgio Loreto, o Amaury deixou e, foi um tempo que justamente ele teve ocasião de ir ao Rio de Janeiro, isso em 1925, já casado, ele foi ao Rio de Janeiro e fez um curso no Instituto Oswaldo Cruz, curso de saúde pública (...). Nesse curso de saúde pública ele teve muita influência, né(...) a, o Magarinos Torres que era um grande pesquisador, patologista também, meu pai aí tornou-se professor de Patologia, como eu falei a você a pouco tempo, ele ingressou na, naquela época, em 1925, também na recém inaugurada Escola de Medicina de Pernambuco, ou, fundada, era uma escola particular subvencionada pelo Estado. Dirigida e, por um grande médico, pernambucano, aliás, ele não era pernambucano, que foi o, não me lembro mais o nome dele agora, daqui a pouco eu vou ver se me lembro o nome. Bom, afinal, feito o curso de saúde pública ele começou então a ter muito relacionamento com o Instituto Oswaldo Cruz, e eu não sei se foi através do IOC ou através do próprio Serviço de Profilaxia Rural, ele recebeu uma bolsa de estudos da *Fundação Rockefeller* para fazer um estágio nos Estados Unidos. Em 1929, ele embarcava, para a América do Norte, juntamente com a minha mãe, esse eu me lembro do episódio que ele, que ele despediu dos filhos pequenos, deixou os quatro filhos pequenos, foi embora passou um ano lá. Lá ele teve um desenvolvimento fantástico, porque a anatomia patológica no Brasil era muito precária naquela época, né? e ele caiu exatamente num dos maiores centros de anatolo... de patologia, que era a Universidade de Columbia em Nova Iorque, onde ele fez seis meses de estágio de anatomia patológica. Depois, eu não sei porque foi a razão, ele transferiu-se para a Universidade de Toronto, com o intuito de lá realizar, também sob os auspícios da Fundação Rockefeller, um trabalho de pesquisa em macacos Rhesus sobre a febre amarela. Ele infectou, os macacos foram infectados e ele fez as autópsias e ele foi estudando todas as lesões que a febre amarela produzia em macacos. Esse trabalho foi muito interessante porque ele descreveu pela primeira vez uma lesão encontrada nas células renais, é... que se chama inclusões nucleares sobre os corpos, inclusão, isso acontece muito em doenças de vírus, e ele descreveu então estas inclusões, renais, e foram consideradas então como, foi considerada então como um achado muito importante, tanto que, e, anos depois é, e publicou esse trabalho, *The YellowFever, O Rim na Febre Amarela, no ArcadyorPatology(?)*, que é uma revista importantíssima, americana, revista de, científica, mil novecentos e, acho que saiu em 30 ou 31, todo em inglês e tal. E esse trabalho foi publicado. Todo em inglês e tal. E esse trabalho foi muito citado, inclusive, William Boyne (?), Maclon (?), que foram figuras muito importantes na linha patológica, na época, e inclusive autores, livros de patologia, escreveram, citaram nos livros essas inclusões como *Magalhães bodis*, corpúsculos de Magalhães. Isso foi um sucesso naquela época né, porque realmente foi uma homenagem muito boa.

Pois bem, chegando ao Recife, em 1930, 31, ele passou um ano e pouco lá, ele veio de malas e bagagens, como se diz, preparado para instalar um grande centro de patologia, de anatomia patológica. Para isso ele precisava realmente de ter um apoio. Naquela época o apoio financeiro e econômico era muito difícil, porque a faculdade era uma faculdade de pobre, eles não ganhavam, eles trabalhavam, ensinavam de graça, né? tinham subvenção e tal, mas não valia nada. Mas, nessa época ele teve é, grande ajuda do irmão, que era, que foi o Agamenon Magalhães, que na época, Estado Novo, por aí, veio pra Pernambuco como... Então ele conseguiu fazer, quer dizer, motivou que se fizesse com o diretor de Saúde Pública da época, que era Décio Parreiras se não me engano, o Serviço, chamado Serviço de Verificação de Óbitos. Esse serviço destinava-se, e destina-se ainda hoje a realizar necrópsias em cadáveres que tenham falecido de doenças desconhecidas por não ter tido assistência médica. Então não havia diagnóstico, não havia atestado médico. Então o objetivo do Departamento de Saúde Pública era

obter um atestado médico e um atestado médico nesse caso era o melhor, porque era um atestado de necrópsia, era lesão, era um diagnóstico perfeito. Bom, foi então realizado nessa época este convênio entre a Faculdade de Medicina e o Departamento de Saúde do Estado integrando a Faculdade de Medicina e ao Serviço, e o Serviço de Verificação de Óbitos à cadeira chamada cadeira de Anatomia Patológica. Então ele ficou como gerente, diretor desse serviço e com isso você tem um idéia que era um, eu me lembro, quando eu cheguei por lá, nós recebíamos uma média de dez, doze cadáveres por dia pra necrópsias. Esses vinham de pessoas que morriam, residências e tal, sobretudo crianças e tal, não tinha nem acesso a hospital, e que iam para pro Departamento de Saúde Pública sem um médico, sem atestado médico. Então o departamento encaminhava, então organizou-se todo um esquema e que os carros, esses carros vinham trazendo pra lá, depois a gente, construíram uns onibuzinhos, a família vinha nos ônibus, geralmente era o pessoal mais pobre, que não tinha condição de (?), e o vinham acompanhando, passava lá no Serviço de Verificação de Óbitos, fazia-se a autópsia, o pessoal ficava esperando depois levava para o cemitério. Esse Serviço tornou-se realmente uma fonte fantástica de pesquisa científica. Porque com as autópsias feitas naquela época começou-se a descobrir coisas que ninguém sabia que existia. Por exemplo, a *Schistosomose mansoni*, não era nem conhecida em Pernambuco. Por incrível que pareça, por incrível que pareça, e inclusive de, já existir alguns laboratórios que realizassem exames parasitológicos e tal, ninguém nunca tinha realmente acordado pra esse fato. Na Bahia, já havia realmente estudos. Mas, no Serviço de Verificação de Óbitos quando se começou a abrir, os cadáveres, começou-se a encontrar, descrever no microscópio, começou-se a se encontrar os ovos esquistossomas, e aí foi um verdadeiro, vamos dizer assim, festival de lesões assim descobertas. Quem lê. Bom, com este dinheiro, era uma pequena verba que eles davam para pagar um grupinho de médicos, porque aí era um trabalho muito pesado, não era só ensinar, era realizar as autópsias. Então, o Saúde Pública dava uma verba pra poder gratificar três ou quatro médicos, patologistas, que faziam as necrópsias. E o material era processado também para lâminas para exames microscópios, não é? Tudo muito bem! Então com esse mesmo dinheiro e por exigência da própria, do próprio Departamento de Saúde Pública, era necessário que anualmente fosse informado à saúde pública uma, uma estatística de *causa mortis*. Estatística está muito interessante, que era por doença, por bairros, da cidade, não é? por idade, por sexo e tal, estatística interessante. E sobretudo com os diagnósticos. Isso foi muito bom porque realmente mostrou um verdadeiro quadro epidemiológico muito, perfeito, uma imagem perfeita do que era a nossa situação de nosológica, o quadro nosológico da cidade do Recife e nos arrabaldes, né? Bom, o Serviço então, ao fazer esses relatórios para fornecer ao Departamento então meu pai teve a idéia de publicar, com esses dinheiros também, os *Anais da Faculdade de Medicina* e surgiu em 1934, o primeiro número. É importante se ver nesses anais, por exemplo, o primeiro número aparece dois trabalhos muito importantes, primeiro o trabalho sobre, descobrindo as lesões, descrevendo as lesões do que se chamava antigamente gastroenterite infantil. Quer dizer, era, o que existe hoje ainda infelizmente, a mortalidade infantil, de zero a um ano, a dois anos por aí assim, de crianças de disenteria, o quadro clínico era mais ou menos disenteria, disenteria for, daí se chamar disenteria é, gastroenterite. Na realidade quando eles começam, meu pai começou fazer as autópsias nas crianças, necrópsias nas crianças verificou que o quadro, que a doença não era uma gastroenterite, era uma lesão por desnutrição, era uma, como ele chamou, uma hepatose alimentar. Você sabe muito bem que ainda hoje existe isso, o problema é... que nós temos de saúde pública, nas áreas mais pobres, miseráveis, é que as crianças não recebem uma alimentação adequada nos primeiros meses de vida. Não recebem

leite, nem materno e muitas vezes não recebem nem leite nenhum, é uma papa de farinha d'água, uma mistura qualquer, e elas então entram numa carência protéica; então há uma distrofia, há uma metamorfose gordurosa no fígado, uma reação gorda no fígado e então, foi então que eles começaram a verificar que o fígado era totalmente amarelo. Eu me lembro muito bem, fiz muita autópsia disso, já quando eu cheguei lá, era como se, eu dizia: “Mais parece uma lata de manteiga”, inteiramente amarelo o fígado, uma coisa horrível. E a criança com o intestino totalmente vazio, só tinha ar. Havia dois tipos, um tipo que ela morria rapidamente, e aí não perdia peso, ainda parecia uma... e um tipo que ela parecia quase com um esqueleto. Quer dizer, num estado de desnutrição horrível, caquética, como se diz.

Bom, essa doença então foi descrita pela primeira vez, direitinho, com um quadro anátomo patológico etc, pra você vê como a coisa foi. E a esquistossomose então foi um colosso. Os assistentes dele, principalmente o professor Bezerra Coutinho, eu faço questão de citar, e o prof. Raimundo de Barros Coelho, foram os dois pioneiros, juntamente com ele na descrição dos achados anátomo patológicos, na esquistossomose mansoni. As lesões hepáticas, as lesões chamadas viscerais, as lesões intestinais, e até as lesões heptópticas e tudo isso foi muito bem descrito, mas muito mesmo. Você tem que ter uma idéia. tornou-se então nosso Serviço de Verificação de Óbitos, na cadeira, um centro de atrações. De atrações para o grupo de médicos e de professores que estavam em torno da faculdade, que começou então a se tornar o epicentro, vamos dizer assim, de uma escola, de ciência porque começou-se a não fazer mais diagnóstico por hipótese, não é, e sim diagnóstico comprovado. Eu me lembro muito bem que, por exemplo, todos aqueles jovens que queriam fazer tese, pra doutorado, tese pra, naquela época se usava muito livre docente, ou mesmo titular, professor catedrático, corria lá pro Serviço de Verificação de Óbitos a procura de material de, pra fazer o seu estudo. Geralmente essas teses todas eram feitas sobre, sempre com a nossa orientação, com a orientação do meu pai, seus assistentes. Foi assim que eu encontrei o Serviço de Verificação de Óbitos. Quando eu cheguei lá, em 1946, no ano em que eu estava no 6º ano de Medicina, então cheguei lá e já encontrei o Serviço em plena (?).

Bom, dessa forma, todo esse trabalho que ele fazia, nessa fase, no início da cadeira da, de Anatomia Patológica,...) era muito observada, todo tempo, pelo Instituto de Manguinhos, Instituto Oswaldo Cruz, onde ele mantinha correspondência, e próprio Evandro Chagas visitava também por causa desse serviço, acompanhava, essa coisa toda e, E algumas vezes até financiou projetos de pesquisa feitos aqui. Eu me lembro por exemplo, depois a gente pode ver até a data disso direitinho, e existe um número do, dos, é, de Manguinhos, como é, do, dos arquivos, como é o nome da revista? (*Revista de Manguinhos! Revista de Manguinhos(?)*). Não, não, *Revista de Manguinhos* não, é o, arquivos não, como é o nome que se dá lá, meu Deus! Tô esquecido. Os anais? (Memória do Ins...) *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, naquela época já existia. Existia um livro (?) que publica, publicou um trabalho, financiado pelo Instituto Oswaldo Cruz, aqui, que é um estudo completo, epidemiológico, clínico, anátomo-patológico e parasitológico da doença chamada esquistossomose mansoni. Então, o título se não me engano é, Estudos da Esquistossomose Mansoni em Pernambuco. Foi escolhida então uma equipe, meu pai organizou, um clínico muito bom, parasitologista, turma de patologia e de epidemiologia, então fez, fizeram uma equipe e foi publicado esse trabalho. Então você veja a ligação com Manguinhos, não é? Era muito forte. E nessa época então que, foi que, eu me lembro, eu ainda menino, me lembro muito bem que o Evandro Chagas chegava...

AT - Vamos continuar, o Evandro Chagas chegava...

AM - Então ele, quando chegava aqui teria imediatamente lá para o Departamento de Parasitologia e muitas vezes ia jantar lá em casa e aí, nessa época eu não, ainda não estava frequentando o departamento, foi muito, foi muito cedo isso, década de 30, 34, 35 por aí assim. Mas eu me lembro dele muitas vezes, lá em casa, e conversando com meu pai e aí eu ficava, eu era o mais velho, meu pai me chamava pra servir gelo, pra uísque essa coisa e eu ficava sentado ali no cantinho, no terraço, ouvindo a conversa dos dois. E, lembro-me bem que eu me impressionava, me encantava, aquele diálogo. Porque naquela época eles conversavam num tom, assim tão, tão bonito, parece que estavam não é, num verdadeiro, num verdadeiro, vamos dizer, conferência os dois, falando de idéias, essa coisa toda. Não me lembro, não sei se era porque eu era criança, e ele dava, dava essa sensação assim agradabilíssima, aquela conversa formidável, era uma conversa diferente, evidentemente, daquela que a gente ouvia.

AT - Dois cientistas conversando.

AM - Dois cientistas conversando, você pode imaginar, né? E o entusiasmo, meu pai era uma pessoa muito otimista, ele sempre foi muito otimista, muito animado, e o Evandro também. Eu ficava encantado, eu ficava encantado de ver aquele diálogo deles dois. E, lembro-me bem, que eles falavam muito, e o Evandro falava muito sobre a fundação aqui, a instalação aqui de um centro de helmintoses, ligado exatamente com aquele núcleo que já existia que era o Departamento, SVO, já tava implantado, dando mais apoio ainda, aquela coisa toda. E assim foi quando, nesse período, anos depois, na década de ca... 40, por aí, quarenta e poucos o Evandro Chagas sofreu um acidente aéreo, e faleceu, faleceu num acidente aéreo, eu me lembro que meu pai viu que todo aquele sonho tava, muito longe de ser realizado.

Bom, nessa época, também, há um fato interessante que me lembrei agora, é que o, a Fundação *Rockefeller* também ficou muito ligada ao nosso serviço não é, e, meu pai conseguiu que eles mandassem pra lá dois macacos *Rhesus* para se fazer infestação de esquistossomose. Esses macacos chegaram aí, já no Departamento, foi um trabalho medonho para se conseguir improvisar, não tinha biotério, nem nada, improvisar um lugar pra esses macaquinhos e, nós tínhamos um servente lá no Departamento, uma figura também muito interessante chamado Malaquias, era um homem ignorante mas muito inteligente, ele tinha, como se dizia, empenhado em trabalhar, ele se entusiasmava com aquela pesquisa, ele sentia-se participante daquele negócio todo, e então ele se entusiasmou muito, e com os macacos, e, deu o nome dos macacos, eram dois, de Rockefeller. Vê você por aí que imaginação desse senhor, né? E eu sei que os macacos ficaram lá e um belo dia, na hora do jantar, eu me lembro que meu pai foi atender o telefone e, foi, havia um problema seríssimo, e ele voltou rindo muito, o macaco, um dos macacos fugiu e foi descoberto na maternidade do Derby, existia uma maternidade no hospital, bem, quase defronte lá, e o macaco foi se esconder na clausura das freiras, das irmãs que era o último andar da maternidade do Derby. E foi um desespero para se conseguir prender esse macaco, que foi o lado cômico da questão. Depois os macacos foram entregues ao, não se conseguia fazer, não adiantava nada, ao, entregue ao instituto de, ao Jardim Zoológico daqui (...)

Naquela época também, é importante dizer que, meu pai conseguiu, através do governo, através desse, desses convênios, do Estado de Pernambuco com a faculdade, construir um prédio especial, moderno, para instalar o tal serviço de anatomia patológica e o Serviço de Verificação de Óbitos. E, é interessante notificar que esse prédio foi projetado pelo um arquiteto, que depois tornou-se muito famoso, chamado Luís Nunes,

porque foi considerado, a arquitetura, o prédio, o projeto, como o projeto mais avançado na arquitetura moderna. Naquela época, na década de 40, foi a época que surgiu a Semana Moderna, em São Paulo, Modernismo, aquela coisa toda. E o Luís foi inclusive pra São Paulo e, o projeto dele ficou uma coisa linda, ainda existe lá, a gente pode até visitar se você quiser. Nós vamos lá, você vê que prédio, é, é uma coisa interessantíssima o edifício. E eu sei que existe na galeria de artes do Museu Metropolitano, em Nova York, Museu Metropolitano de Nova York existe uma, uma revista que conseguiu então da, (...) conseguiu então(...) obter fotografias desse prédio e publicou como, registrando como a, exemplo da arquitetura moderna do Brasil. Bom, o tempo passou.

TF - E a Fundação *Rockefeller* não cedeu esses macacos pra experiência com a esquistossomose, mas não orientou a pesquisa, (?) verbas.

AM - Não sei, não sei o que foi que houve que eu não me lembro bem se conseguiu-se fazer realmente, não havia realmente, eu tenho a impressão, condição pra se trabalhar com os macacos e acabou suspendendo. E, foi exatamente quando desapareceu o Evandro Chagas. Em 1946, quando eu já começava a freqüentar lá, a cadeira de Anatomia Patológica, lembro muito bem, certa manhã, estávamos conversando na biblioteca quando foi anunciada a visita de um professor do Rio de Janeiro, que era exatamente o Dr. Amilcar Barca Pelon. Grande sanitarista brasileiro, e companheiro deles, companheiro de meu pai, companheiro do Evandro, da mesma geração não é. Aquela geração que, que fez realmente o início da Fundação Oswaldo Cruz, o Instituto Manguinhos. E o Pelon entrou, na sala, ele era figura interessantíssima, era um homem alto, nariz comprido, figura interessante e, cabelos, cabeleira muito bonita, e entrou assim, de uma maneira, um gesto muito, vamos dizer assim, entusiástico, dizendo: “Ageu, cheguei para realizar o seu grande sonho e de Evandro. Vamos construir o Centro de Helminose de Pernambuco.” Ele estava nessa época, tinha sido investido nas funções de diretor de (...) de DOS, de Organizações Sanitárias, uma daquelas instituições do Ministério da Saúde, Divisão de Organização Sanitária, e então tinha verba pra essa coisa, e ele correu aqui pessoalmente dar a notícia. Eu sei que ele já vinha acompanhado do diretor de saúde pública, que era o Gilberto Fraga Rocha, uma pessoa muito interessante, muito inteligente, e, ali mesmo começaram já a falar, e ele passou aqui uns dias e Gilberto ficou com o meu pai e tal, traçando já, fazendo o projeto, foi feito o projeto do edifício, e foi construído um edifício, não havia lugar lá no Derby. Foi cedido um terreno que pertencia a um hospital, chamado Hospital do Centenário de Recife, que era um hospital do estado, o governador do estado era Barbosa Lima Sobrinho naquela época. E ele então deu, fez uma doação do terreno, e lá construíram o primeiro edifício que funcionou durante muitos anos o Instituto Ageu Magalhães que foi o dado. Porque, um ano antes de se inaugurar, mil novecentos e quarenta, julho, agosto, julho, 31 de julho de 49, meu pai falecia, subitamente quase, por causa da hipertensão (?). E, em setembro do ano seguinte, 1950, durante um congresso brasileiro de higiene aqui em Recife foi festivamente inaugurado o Centro de Pesqui... o Instituto Ageu Magalhães. Esses institutos, contudo, não era, não foi, vamos dizer, não tinha instalações realmente para um centro de pesquisa. Ele tinha sido imaginado como um local onde poderia se botar doente, colocar doente, ambulatório, essa coisa toda. E na realidade, quando ele foi inaugurado, foi indicado pra ser seu diretor, primeiro diretor, o professor Frederico Simões Barbosa, que eu que vocês já tiveram depoimento dele. Então eu não preciso falar desse período, porque vou apenas dizer que o professor Frederico Simões Barbosa era um jovem que já tinha sido feito o concurso para

professor livre-docente de parasitologia. Então era indicado exatamente, pela sua linha, pessoa absolutamente indicada como (int).

Fita 1 - Lado B

AM - Apenas gostaria de dizer que ele me chamou, nessa época eu já era formado, me chamou, já tava no Departamento de Patologia, Serviços de Verificação de Óbitos, o meu pai, me chamou para fazer parte da equipe, e eu então fiquei, dividi o meu dia, pela manhã ia pra universidade, pra, universidade, e, nessa época começou a universidade, né?(...) na universidade, na parte de ensino, no Serviço de Verificação de Óbitos, e a tarde, a parte de teoria, no período da tarde eu então desenvolvia atividade de pesquisa no Centro de Pesquisa Ageu Magalhães. Fui o primeiro, vamos dizer, patologista. Porque o centro, o Instituto Ageu Magalhães foi dividido em laboratórios. O que já deu uma visão, uma visão muito melhor, mais avançada, né? Ele tinha, tinha o instituto, o instituto, o laboratório, Malacologia, de Parasitologia, e Anatomia patológica, Epidemiologia, por aí você já sabe. E eu fiquei com a patologia. Foi um período interessantíssimo esse. Durante dez anos ficamos lá trabalhando (?). Eu acho que essa parte deveria, não deve ser perdido.

TF- O senhor pode falar do...

AM - Eu posso dizer, dar o meu testemunho que foi um período formidável e que, o centro de pesquisa era visitado por pesquisadores americanos, alemães, vinha gente de fora pra cá, inclusive ele fez convênio, ele fez convênio com os institutos nacionais de saúde, e receber aqui, inclusive dois pesquisadores importantes, passaram conosco quase um ano aqui trabalhando. Isso foi muito interessante. E nós, eu comecei então, na parte da anatomia patológica a fazer, o que nunca tinha sido feito aqui. Todos aqueles trabalhos que o meu pai tinha feito, todo aquele trabalho pra trás tinha sido feito em humanos, em necrópsias. Eu então comecei infectar os animais. Lá, a minha, meu intuito(?) era fazer pesquisa, experimental. Então foi aí que eu comecei a trabalhar com ratos, camundongos, ratos e macacos também. Tem vários trabalhos publicados de macacos *Rhesus* (?), uns macacos muito bons de se trabalhar com o ser humano.

TF - Qual o tamanho do Ageu. O número de funcionário (?) que existia no início?

AM - Eu, naquele tempo não era muito grande não sabe. Eu acho que nós tínhamos, o Frederico deve ter falado isso. Eu me lembro que eu fiquei em anatomia patológica, logo depois, quando eu voltei, porque aí eu tive um período de interrupção, eu consegui uma bolsa pros Estados Unidos, pela *KellogFundation*, e passei lá um ano também me especializando, fazendo um curso de pós-graduação, em Anatomia Patológica. E, ao voltar, eu defendi, fiz um trabalho, defendi tese, pra professor livre-docente, em [19]54, e continuei lá até 1960 eu acho, 1960, foram mais ou menos dez anos, de 50 a 60. 1960 Frederico deixou o centro de pesquisa, por uma questão política, e ministro da saúde nomeou pra o diretor de endemias rurais um, uma outra pessoa que achou por bem afastar o Frederico e botar, colocar lá um outro diretor, Durval Lucena. Como eu estava muito ligado a Frederico e não me conformando com a saída de Frederico de lá, achei uma violência, não pelo fato de Durval Lucena ser o seu substituto, ele era realmente um homem de valor, ele era um professor da universidade também, parasitologista, mas

foi feita uma coisa assim muito política, né? Desorganizou muito a equipe, eram pessoas diferentes, né? Aí eu saí, juntamente com Frederico, deixei o Centro de Pesquisa, o Instituto Ageu Magalhães e aí fui pros Estados Unidos, peguei uma segunda bolsa de estudos e fui pro Instituto de Medicina Tropical da Universidade de Tolayne (?), em Nova Orleans, onde eu já tinha um contacto, e era o maior centro de medicina tropical americano. E foi com um especial propósito, não mais de fazer estágio, mas de realizar uma pesquisa.

Naquela época tinha surgido, tinha-se uma nova técnica de imunologia, é, pioneira, interessantíssima, em bacteriologia. E eu senti que realmente seria interessantíssimo utilizar essa técnica de marcar, tornar visível o complexo imune no tecido, ou (?), no tecido. Através da conjugação de um fluorocromo chamado isotiofianato(?) de clorocelina(?) que podia se acoplar ao anticorpo, (...) molécula a molécula. Então depois de fazer um certo tipo de preparação, se colocava, cortava-se no micrótomo uma secção de fígado, ou de intestino, ou de pulmão não é? congelada, através de um novo tipo de micrótomo que surgia lá, encontra lá e aprendi a trabalhar, que é o micrótomo da congelação, tirava-se então o corte, degelava-se na lâmina e colocava-se numa estufa cobrindo o tecido com uma solução tamponada na qual estariam os comple... os, os anticorpos tirados de um soro de um animal imunizado, conjugados com o clorocromo. Feita, colocados na estufa, depois de meia hora, você tirava, lavava-se a lâmina pra tirar o excesso, colocava-se é, a lâmina com um pouco de glicerina e mon... e colocava-se então preparado sob a luz ultravioleta de microscópio ultravioleta. O efeito é um efeito fantástico, porque a luz ultravioleta ao passar através da substância fluorescente ela emite uma luz, uma verde, bonita, brilhante e me indicava exatamente aonde existisse a luz verde existiria então o conjugado, existiria então o conjugado, existiria o anticorpo. Ora, como nós sabemos que em imunologia que o anticorpo fixa-se sobre o antígeno especificamente, nós tivemos a visão panorâmica, belíssima, do que ocorre dentro do tecido, na intimidade do tecido quando o anticorpo encontra o antígeno e então procura-se fixar. Justamente para absorver não só o antígeno solúvel, mas também as células, que aí nós começamos a ver a participação do mecanismo celular na imunologia. Quer dizer, os necrófagos, as células fagocitárias que fagocitaram o complexo imune. Que um papel importantíssimo desempenhado na imunologia celular, eles ficavam brilhantes também. Então aquela lesão que a gente via no microscópio de luz, como, das células ali, aquela coleção de células formando o granuloma, o formando o granuloma, nós víamos sob a luminosidade de uma, verdadeiro de céu estrelado, uma coisa assim, era muito bonita a imagem. Então foi isso que eu consegui realizar na Tolayne(?) levando pra lá o meu projeto, e obtendo do professor Paul Bívar(?), que era diretor do Instituto de Ciência Tropical, um homem extraordinário, uma pessoa formidável, encantadora, me deu todo apoio, todos os recursos necessários, uma, fizemos então um time, uma equipe, eu pedi um imunologista. porque eu não tinha naquela época condição ainda de, de poder realizar esses trabalhos, e um parasitologista. Então ficamos eu patologista, um parasitologista e uma imunologista, eu achei que seria uma equipe boa. O parasitologista sabia alguma coisa de quistosomose, mas muito pouco, a imunologista nunca tinha ouvido falar. E então nós começamos a fazer a infestação, sacrificamos os animais em períodos diferentes, eu, tudo aquilo eu já sabia porque tinha passado dez anos no Ageu Magalhães, naquela época eu já tinha descrito lesões imunológicas. Começamos a sentir realmente que a esquistossomose não era uma inflamação comum. A esquistossomose era uma inflamação endógena, onde o desenvolvimento do verme, nos seus parasitos e dos seus, das substâncias que ele elimina se dão dentro do meio interno, dentro do sangue, dos tecidos, que é diferente dos ectoparasitas que estão na luz do intestino. Então aí as re-participações imunológicas é brilhante, é fantástica.

Então com isso nós fizemos um trabalho em prol, e publicamos o trabalho, no *American* (?), descrevendo todas as lesões, no fígado, no intestino, no pulmão, toda parte e, é, relacionando os achados imunológicos com os achados anatomopatológicos que a gente já conhecia e procurando então explicar melhor o que é que acontecia na doença, nas diversas etapas né? Então foi trabalho assim muito interessante, eu me lembro bem que no dia em que nós conseguimos botar as primeiras imagens no microscópio foi um corre-corre, veio gente dos outros andares, dos outros(?) pra olhar e ver aquela coisa linda, porque, o próprio imunologista ficou, é, é uma senhora, uma pessoa muito interessante, ficou alucinada de ver aquela coisa tão bonita né? de modo que foi uma, um feito que nos colocou assim, numa situação de muita alegria, não digo de vaidade mas um pouco de orgulho, porque eu acho que vocês devem ter sentido isso, todo mundo sente, quando a gente viaja, sobretudo para os países muito civilizados, muito importantes, a gente tem orgulho de ser brasileiro não é? de mostrar que nós brasileiros também somos gente né, temos ca... coragem. Temos força de lutar e pra realizar as coisas. De modo que eu me, eu vivi assim um período de muita satisfação, eu nunca pensei realmente, que eu fosse tão patriota, né? engraçado isso. Só numas coisas dessas que você realmente, de repente aflora essa coisa. Mas foi muito bom isso e, eu fiquei depois muitos anos indo lá na Tolayne(?), porque aí eu vol... Neste mesmo período.

TF - Você ficou lá quanto tempo?

AM - Eu fiquei, lá sete meses. Durante o período que eu tive lá, por coincidência ou não, eu acho que o Bívar(?) quando me convidou já sabia, era o período em que eles davam um curso especial de pós-graduação em imunologia, a nível de pós-graduação, e eu fui matriculado nesse curso. Então todo dia as oito horas da manhã nós íamos pra aula, e eu recebia então duas horas de imunologia, acompanhando um grupo de outros médicos já. Isso pra mim foi fundamental porque pari passu ao fazer a pesquisa eu fui recebendo um curso avançadíssimo, e pra você ter uma idéia esse curso, nos Estados Unidos as coisas são assim impressionantes, cada semana era convidado um professor de fora pra dar aula sobre um capítulo da imunologia, e este professor de fora que vinha dar aula sobre um capítulo era exatamente a pessoa mais capaz, mais notável em todo país, pelos feitos, pelo seu trabalho, naquele assunto. Vinha, passava uma semana, hospedado, dando aula, ia embora depois vinha outro, de outros países inclusive. Você vê como foi a coisa, oportunidade assim inigualável. De volta eu então, não gostava mais gostava mais do Centro de Pesquisa Ageu Magalhães, voltei para o departamento de anatomia patológica e lá continuei a revisar(?) a minha vida de patologista.

Mas aí, então, (...) o tempo correu, e mil novecentos e ...

TF - O senhor quando voltou o senhor ainda estava no Departamento de Saúde Pública da (?), Saúde da Paraíba. O senhor não voltou dos Estados Unidos?

AM - Quando eu voltei dos Estados Unidos eu voltei, pro, pra cadeira de Anatomia Patológica, mas não pro Instituto Oswaldo Cruz, não mais pro, pro... que aliás o Ageu não pertencia ao Centro de Pesquisa, não pertencia ao Instituto Oswaldo Cruz, foi outro erro. Ele deveria ter sido lá, mas como essas coisas se conseguisse dinheiro pra fazer não é. O, o Pelon só podia fazer, o centro de o Instituto Ageu Magalhães, com o dinheiro da DOS, então tinha que ser ligado a Divisão de Organização Sanitária, e por isso mesmo não ficou no Instituto Oswaldo Cruz.

AT - Quando foi fundado? em 50?

AM - É, foi fundado em 50. Mas o que é notável nisso tudo, se deve dizer, é que o presidente Simões Barbosa apesar disso tomou uma linha total de pesquisa, que era da Fundação Oswaldo Cruz e não da Divisão... Quer dizer, ele trabalhou lá e realizou a sua, toda a sua obra, toda sua administração como um pesquisador e não como sanitaria, no espírito de pesquisador, não é. Isso é importante que se diga, aqui entre nós, porque, se não fosse isso o Instituto Ageu Magalhães tinha se acabado. Eu vou inclusive até dar um toque nisso. Já tá ligado, não?

Bom, o que acontece é o seguinte, o centro de pesquisa então com a saída de Frederico ele ficou entre um e, algum tempo depois, logo depois o, o professor de parasitologia que o Durval Lucena deixou e o centro de pesquisa, o Frederico ainda voltou, passou um ano e pouco lá, no tempo de Rodrigues da Silva, com Rodrigues da Silva que era uma grande figura também, José Rodrigues da Silva convidou-o, pediu pra voltar ao Instituto Ageu Magalhães, ele voltou, me chamou, eu também passei lá um ano ou dois, mas depois Frederico foi embora, eu também e o Instituto ficou na mão de sanitaria, não é. Aí a coisa realmente teve, foi um período de obscuridade, vamos dizer assim. Porque o centro não teve mais aquela, aquela função, aquele destino do serviço de pesquisa, e sim passou um órgão normativo vamos dizer assim não é, de saúde pública.

TF - Ele normatizava pra que órgão? Que órgãos cumpriam as normas dele, como era a relação dele com o Estado da, de Pernambuco?

AM - Bom, eu não me lembro bem. Ele tinha um curso, o curso, dava um curso de saúde pública, pós-graduação e, trabalhava com dados, estatísticas, coisa por aí. Eu me afastei completamente porque não havia mais lugar pra trabalhar. Nessa época, exatamente quando voltei dos Estados Unidos, entusiasmado com o problema da imunologia, porque é preciso que se diga que a imunologia ressurgiu naquela época, foi quando vieram grandes descobertas, é, no campo da microscopia eletrônica e nessas técnicas de imunologia que permitiram a visualização do fenômeno imunológico em tecido, e eu costumo dizer: a imunologia saiu dos tubos de ensaio pra ir pra o tecido, e aí houve realmente um, uma verdadeira é, vamos dizer, é,...) desenvolvimento na área de imunologia, com explicação de doenças imunológicas e etc. Bom, então, exatamente nesse momento, chegando dos Estados Unidos com aquela carga de trabalho feita lá, tudo isso, nós real... fomos postos pra o Pedro II e lá eu consegui um, com o reitor na época, montar um laboratório de imunopatologia, foi o primeiro laboratório que podemos chamar aqui de imunopatologia. Consegui com a Fundação Kellog a doação do equipamento, a Fundação Kellog ajudou muito a Universidade Federal de Pernambuco, de prisas, né, prisas com 50 abaixo de zero, não existia nada disso aqui, microscópio com duas ultravioletas, criostato pra cortar, e, uma série de coisas que são absolutamente necessários. Aí então nós realizamos trabalhos, fizemos aquilo que fizemos lá em camundongos, fizemos com pacientes através das, das cirurgias, toda vez que se fazia com estereotomia, tiravam o baço, cirurgicamente, eu era chamado, de comum acordo com o cirurgião e fazia assim uma biopsiazinha do fígado, onde tirava-se um linfonóculo e próprio baço me era entregue, e, com aquele material eu realizava as técnicas imunológicas, em vivo, quer dizer, sem fixar tecido, com congelação, depois fixando, mas com congelação, pra obter todo o mecanismo imunológico, no tecido humano da mesma forma que foi visto em camundongo. E nós fizemos isso tudo, fizemos isso tudo, eu, mais duas ou três pessoas, e esse trabalho foi publicado na Revista Brasileira de Medicina Tropical. E me valeu um prêmio de o chamado prêmio Gerard Domack(?), o melhor trabalho publicado na revista durante aquele ano.

Bom, aí eu me entusiasmei muito com o laboratório de imunopatologia e consegui depois que o reitor é, reconhecesse o laboratório como um núcleo. Idealizamos então criar um núcleo de imunopatologia. Esse núcleo de imunopatologia seria exatamente um centro-laboratório que pudesse realizar toda, todo o trabalho de pesquisa ou de exames, imunopatológicos para as diversas especialidades do hospital, quer dizer, de pediatria, todas as, os setores de doenças parasitárias mesmo, de pacientes de diversas, das diversas clínicas, em câncer, em tudo você pode usar a imunopatologia. Então a idéia foi desenvolver a técnica de imunopatologia com os nossos trabalhos, com os nossos estudos para servir a, as diversas doenças. Então o nome se foi dado de Núcleo Imunopatologia, Núcleo Interdepartamental, exatamente dando a ele aquela extensão de pertencer a todos, mas, montado, sediado no Departamento de Patologia, que é exatamente a.

Bom, isso tudo foi feito e, é, nessa mesma época passava em Recife uma missão japonesa, a missão Kushiba(?), e, eu fui indicado pelo pró-reitor de pesquisas, que era o professor Rui João Marques, para receber, em nome da Universidade, a missão japonesa, ele teve que se afastar pra o sul do país, e eu então fui indicado como professor. Ao receber a Fundação Kushiba(?) eu fiquei realmente maravilhado porque vi que os japoneses estavam bem intencionados em fazer um grande convênio com alguma universidade do Nordeste, no sentido de ajudar, de desenvolver a parte de saúde pública, a parte de medicina, nessa área. Quando eu estava realmente entusiasmadíssimo com o núcleo de patologia evidentemente mostrei, expliquei a eles a importância daquilo que estava se fazendo, estava dando uma nova roupagem, uma nova visão à patologia, e mostrando a eles que o campo aqui entre nós era imenso no sentido das doenças parasitárias. Veja bem, esquistossomose, filariose, todas as doenças endêmicas. Então, quando terminou os três dias da visita, o secretário do, da, do consulado me chamou e disse, me pediu pra que fizesse um relatório, me pediu um relatório, mandei um relatório pra lá. E eles depois mandaram me procurar, veio seis meses depois tudo, as coisas do Japão são bem feitas, pelo prof. Keiso Azami, professor de patologia da Universidade de Keyo. Professor Azami veio, me procurou, me, veio no momento que eu acabava de ser convidado pelo então presidente da Fundação Oswaldo Cruz, aí já era fundação né? Que foi o Vinícius Fonseca, a, exatamente, indicação partiu do próprio Frederico Simões Barbosa, que nessa época era diretor. professor em Brasília, professor de Saúde Pública em Brasília, e tinha ficado muito preocupado com o destino do Ageu Magalhães, centro, Instituto Ageu Magalhães. Eu lembro que houve um episódio, aqui em Recife, quando da visita do ministro Paulo de Almeida Machado, ele ficou, é... tremendamente aborrecido, quando visitou o Instituto Ageu Magalhães e encontrou vazio, quer dizer, praticamente despovoado, sem trabalhar, sem nada, se acabando né, em situação difícil. Então ele queria fechar, Frederico então fez um apelo para que não fechar, então ele pediu para que Frederico indicasse quem que era possível, e fui eu então o indicado pra ir resolver o problema do Ageu Magalhães. Eu estava naquela época de tal maneira comprometido com o Núcleo de Imunopatologia e fiquei numa situação difícil. Não podia assumir um cargo tremendo de, sem ir pra o Ageu Magalhães pra realmente levantar uma coisa que tava em situação difícil. Mas, (...) afinal, depois de meditar muito eu resolvi enfrentar esse desafio, realmente foi um desafio. E aceitei, mas com a seguinte condição: eu ia como professor da Faculdade de Medicina a disposição do, da Fundação Oswaldo Cruz. Inclusive com ônus, a Universidade entendeu, quer dizer, eu fui ganhando pela Universidade, quer dizer, como professor da Universidade. Essa minha é, atitude foi porque eu senti, naquele momento, e foi isso que me moveu mais, o desejo de ir lá enfrentar isso, de resgatar a idéia de Evandro e de Ageu Magalhães de fazer um centro, o centro de pesquisa da antiga helmintoses, que foi

idealizado, junto com o departamento de meu pai, que era o Departamento de Patologia. E vinha isso, aí veja você, eu nunca pensei nisso nas minhas mãos, como se fosse realmente um desafio, né, não pude faltar. Eu então, a maneira melhor pra aproximar logo as duas coisas, que era a Universidade, nesse tempo já no Engenho do Meio, já em pleno apogeu, não poderia salvar o Centro de Pesquisa Ageu Magalhães abandonado lá, na rua do Espinheiro, como dizia, rua do Espinheiro, número 106, que é isso, uma casa, não construída pra ser centro de pesquisa, compreendeu, adaptada, pequena, não tinha condição nenhuma, dificuldade tremenda de se conseguir pesquisadores. A única solução era fazer com que a Universidade entrasse lá dentro, não é? Foi o meu primeiro objetivo. E assim fui com todo o apoio, o reitor foi pra minha posse, entendeu? O ministro também. Eu tenho inclusive meu discurso que foi feito, dando realmente o que é que eu pensava. E comecei a trabalhar então lá no Centro de Pesquisa procurando a primeira coisa, trazer pesquisadores da universidade. Porque, naquela época, mais do que hoje, a gente sentia que os professores da universidade não tinham condição de fazer pesquisa, sobretudo os da área básica, por falta de recursos, por falta de tudo, de laboratórios e equipamentos. Ora, se a Fundação Oswaldo Cruz, o objetivo dela era um centro de pesquisas, nada melhor do que adequar, enquanto que os pesquisadores da universidade tinham um lugar para trabalhar, a Fundação Oswaldo Cruz não precisava pagar pesquisadores. Porque eles iam trabalhar porque eles precisavam de um lugar pra trabalhar né. Então encontrava-se realmente um denominador comum perfeito, a idéia, eu consegui trazer alguns pra lá, e fui começando, e comecei então a abrir. A primeira coisa que eu quis fazer foi um laboratório de imunopatologia.

TF - E os pesquisadores estavam produz(?)

AM - Eram colegas meus da universidade, pessoal da universidade, só que era um pouco distante, vindo do Engenho do Meio pra lá, e voltar pra dar aula. Mas, mesmo assim começamos a trabalhar e, foi então quando eu, o Vinícius saiu e entrou o Vilardo Martins Alves que realmente foi um homem de uma visão, médico, de muito valor, muito inteligente e ele então sentiu realmente que a fundação tinha outra dimensão e ele deu realmente à fundação uma dimensão muito grande, um apoio fantástico às pesquisas, fez muita coisa boa. E, inclusive, no centro de pesquisas aqui ele me apoiou muito né. Me apoiou e eu consegui então verbas com a FINEPE, projetos do FINEPE, nós bolamos, por exemplo, um projeto, se eu disser o nome você vai achar graça, é, ANTÍGENOS ESTRATÉGICOS. Sabe o que é isso? Para diagnóstico. Então, você imagina que naquela época, se você queria fazer uma técnica qualquer, mesmo de laboratorial, imunológica, você precisava de antígenos, preparados, tipos de antígenos pra dar diagnósticos e tal, e tinha que importar, importar dos Estados Unidos, antígenos de Chagas, antígenos de... era coisa hilariante né. Então nós conseguimos convencer a FINEPE de que nós podíamos produzir esses antígenos e numa escala, não digo industrial, mas, escala que pudesse facilitar a aquisição pra, e assim foi feito. Nós conseguimos fazer antígenos pra Chagas, conseguimos fazer antígenos pra esquistossomose, pra filariose, inclusive, eu descobri naquela época que existia um laboratório de peste, funcionando em Garanhuns não é, é, no interior, aqui no sertão de Pernambuco e, lá, fui visitar, como diretor, fui visitar, era ligado ao Ageu Magalhães, encontrei lá duas pessoas formidáveis, um casal inclusive, estavam trabalhando, um epidemiologista e ela era, trabalhava mais na parte de laboratório. Senti que eles estavam deslocados, o objetivo daquele laboratório, era um laboratório de campo que fazia o serviço de vigilância de peste né? Eles mandavam os ratos, colocavam os ratos em gaiolas pra captar nas gaiolas, no alçapão, como é que se chama? na ratoeira,

ratoeira, e examinava esses ratos de modo que, quando havia uma eclosão de peste eles pega, eles detectavam logo, pegavam e aí cercavam a área. Tudo isso muito bonito e muito bem feito aliás. Mas eu queria alguma coisa melhor porque achava que eles podiam vir pra cá e, recebi esse serviço supervisionado. E assim foi que eu consegui com a Fundação Oswaldo Cruz transferir o Dr. Célio Almeida e Dra. Alzira pra dentro do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães de vez

AT - Já em 80.

AM - Isso foi(...) é.

TF -Guilhardo foi da época, hein?

AM - Foi na época de Guilhardo, foi.

TF - Isso já era 80 já?! (?) foi antes.

AM - Foi 79 por aí, é, é. E aí nós conseguimos então, a, a Alzira com o equipamento que a gente conseguiu, ela conseguiu sintetizar aqui, fazer o antígeno de peste. Que só tinha, só era feito em Monvernan(?), um laboratório que existe lá no norte dos Estados Unidos, e na Rússia; e ela, e ela conseguiu aqui o antígeno. Você vê que coisa formidável que a gente consegue. Por isso mesmo ela ganhou bolsa depois pra lá, pra lá, pros Estados Unidos passar uns tempos, isso depois. E aí o centro começou, depois eu consegui com a Prefeitura da Cidade do Recife um projeto de pesquisa para fazer um estudo das bactérias né, das bactérias, da flora de bactérias patógenas na cidade, nos bairros da cidade, bairros pobres que infectavam, infectavam mais as crianças, produzindo problemas de disenterias, essas coisas. E foi feito um trabalho interessante, inclusive o, esse trabalho teve a participação da Fundação Oswaldo Cruz, de bacteriologia(...) inclusive, de virologia, Dr. Pereira (?), que era um dos pesquisadores em vírus, veio pra cá e nós fizemos isolamento, isolávamos aqui o material e mandávamos pra lá, pra detectar rotavírus(?), não é? E com isso nós movimentamos o laboratório de bacteriologia, né? Então ficou o laboratório de bacteriologia e, de parasitologia e imunologia começando a funcionar.

Fita 2 – Lado A

AM - Projeto lá. Ao, ao mesmo tempo, simultaneamente, eu continuava como diretor do projeto do, do governo do Japão, que eu era professor da universidade, para, é, construir, desenvolver e ampliar e equipar o núcleo de imunopatologia, que eu havia fundado antes, eles realmente aceitaram depois de um trabalho imenso ida, muitas vezes idas a, a Brasília, e volta, foi então aceita pelo ministério e nós mandamos então um projeto feito diretamente pela universidade, não tinha nada a ver com a fundação, diretamente pela universidade para o Ministério da Saúde, o Ministério da Saúde, Ministério das Relações Exteriores, até que esse foi assinado pelo presidente Figueiredo quando ele visitou Tóquio né, numa época lá, foi assinado tal. Então, esse foi o maior projeto que o Japão já fez em ciência tecnologia. Então, o projeto inicialmente foi 3 milhões de dólares e equipamentos e, acabou sendo 5 milhões de dólares. Esse projeto ia se desenvolver, esse laboratório de imunopatologia ia ser sediado no Hospital das

Clínicas que tinha acabado de se construir, no Engenho do Meio, na universidade. Acontece que quando o hospital ficou pronto, que Azami chegou aqui, no ano seguinte, um ano depois pra visitar a área a ser ocupada, instalação, nós tivemos uma decepção muito grande, porque não havia ainda acabamento no décimo primeiro andar aonde seria instalado, e, qual foi a nossa situação quando nós verificamos que o, não havia verba, o dinheiro tinha se acabado e não havia previsão quando se terminar o laboratório. Os japoneses arrumaram a maleta e disseram “até logo, eu vou me embora”. Foi uma situação de vexame muito grande, mas eu consegui, conversando muito com Azami, lançar uma idéia que era aquela que eu tinha ouvido desde menino, que era a colocação do centro de pesquisa, ou seja, do núcleo de imunopatologia, de helmintose junto com a universidade onde ela foi imaginada. Então, consegui convencer a universidade de que podia se fazer um convênio, dentro do convênio que já existia, em termo de comodato em que a universidade cedia uma área de terreno, que ela tem muita lá, com 12 hectares enormes, (?), próximo a área científica e a fundação assumia então o, a construção do edifício no terreno dado em comodato. E, em contrapartida, cedia à universidade o espaço necessário para montar, dentro do centro de pesquisas Ageu Magalhães, anexo, um laboratório de imunologia com o Japão.

TF - (?)

AM - E foi o que se fez. A coisa teve realmente uma aceitação. O reitor era muito amigo meu e tal, o Vilarde também, homem de uma coragem danada, “você tem coragem de realizar um negócio desse”. Isso naturalmente a gente faz também com apoio político né? Eu consegui muito bom apoio político da bancada de Pernambuco, e, o atual ministro Marco Maciel, o vice-presidente da República, Marco Maciel, era ministro na época da (?), e salvou o projeto porque houve momentos que nós tivemos muita dificuldade com o Itamarati, o Itamarati não queria esse convênio, achava que nós não tínhamos aqui no Nordeste condição para aceitar um convênio daquele tamanho, imagine você. E depois conseguimos então também com apoio também do deputado pernambucano, por sinal deputado Ricardo Fiuza, na época era muito amigo do Delfim, e comprou a idéia, quer dizer, ele achou a idéia maravilhosa, e conseguiu que Delfim nos recebesse, que nós tivemos uma conversa com Delfim, e resultou na aceitação. Delfim ficou também entusiasmado com a idéia e, o projeto foi aprovado, financiamento aprovado, pela caixa econômica, pelo projeto PAIS(?), a fundo perdido, e eu sei que foi construído o tal edifício, depois de muita luta, o edifício tá lá.

AT - É, é, esse prédio, quer dizer, o edifício onde está funcionando o Ageu foi construído na mesma época do edifício do núcleo LIKA, não?

AM - Foi, foi. O LIKA foi.

AT - Foi ao mesmo tempo, no mesmo convênio.

AM - O LIKA. o LIKA, esperou um pouco, que prédio ficasse pronto, porque não havia, ou a gente colocava lá ou os japoneses iam embora. Não havia espaço físico nenhum que fosse possível ser aceito pelos japoneses em condições adequadas pra colocar dois microscópios eletrônicos e tudo mais que você pode imaginar, um ar condicionado central.

TF - O LIKA é da, da universidade?

AM - O LIKA é da universidade. Veja bem, o LIKA é da universidade, funcionando numa área da Fundação Oswaldo Cruz cedida em comodato. Então, é um casamento perfeito como se diz.

TF - Quem construiu o prédio do LIKA também foi a Fundação?

AM - Quem construiu foi a Fundação. Evidentemente com o dinheiro de quem? do Ministério da Saúde. Então, quando se começava dizer “É isso. É aquilo”, eu dizia: “Meu amigo, isso é tudo do mesmo dinheiro”, não é? É um dinheiro do governo, é o nosso dinheiro. O que é importante é usar bem o dinheiro né? Eu acho que foi usado muito bem, foi uma solução fo-formidável, inclusive porque, apesar de no início nós termos enfrentado algumas, é, coisas desagradáveis, gente que sempre fica do contra procurando criar problema dum lado, do outro, entre a fundação e a universidade, certas... é...idéias, certas condições que eu não aceitava, eu achava, sempre achei que ninguém é dono de nada, né? A fundação preocupada, é (...) não tanto a fundação, a fundação foi sempre muito bem nisso tudo, mas a universidade criou um certo problema, achava que o Ageu Magalhães estava querendo tomar o convênio. Imagine (?) tomar o convênio dos japoneses! Eu era o diretor do Ageu Magalhães, como eu tinha sido também o, a pessoa que criou, imaginou o convênio com o Japão, então eles ficaram assustados, pensando que eu queria ficar com tudo. Quando isso a gente não faz pra gente, a gente faz pro futuro, faz pros outros, como depois aconteceu, a história mostrou. E, foi um trabalho penoso, mas um trabalho bonito. Realmente o centro de pesquisa, vocês precisam ver, você conheceu já? Teve aí? Realmente impressionante né. Foi feito com muito carinho, com muito gosto, inclusive uma arquiteta extraordinária da Fundação Oswaldo Cruz, que é Cristina né? Ela... Foi a Cristina, Cristina. Conhece ela?

TF - Conheço.

AM - Ela veio pra cá, passou um ano ou dois anos aqui, dirigindo tudo, muito bem mesmo. E nós tivemos nenhum problema com a empresa construtora. Foi uma beleza.

AT - Só uma coisa, quer dizer, o, o Instituto Ageu Magalhães saiu da rua do Espinheiro para a Universidade, nesse momento.

AM - Quando ficou pronto o edifício.

AT - Mas quer dizer, ele, a transferência dele pra universidade vai ser feita dentro desse convênio com o Japão ...

AT - Foi feito...

AM - Quer dizer, na hora que o projeto com o Japão não pode se instalar no hospital, no Hospital das Clínicas ...

AT - Por falta de lugar.

AM - Quer dizer, a saída pra não perder o convênio com o Japão foi a, a...

AT - A Fundação ofereceu, através da minha pessoa e do presidente uma solução, que seria dar um terreno pra que colocasse lá dentro aquilo que era certo, colocar o Ageu Magalhães, não havia sentido algum de você ter um centro de pesquisa, na área biológica como é o Centro de Pesquisa Ageu Magalhães, longe do centro médico-científico, que é a universidade. Inclusive, se beneficiando também a universidade, e inclusive os diretores do Ageu Magalhães, por história, primeiro, a idéia de meu pai como diretor; segundo, primeiro o diretor do Ageu Magalhães, Frederico Simões Barbosa era professor de parasitologia da universidade, não é? Depois, o Durval(?) Lucena também era professor de Patologia da universidade. Depois veio o período de, dos sanitaristas que, essa parte não conta, depois vim eu como professor de patologia da universidade ocupar o lugar. Então minha gente, fundação e a universidade são irmãos gêmeos né? são irmãos gêmeos. Não há razão nenhuma pra nenhum tá com medo do outro, pelo contrário, dar as mãos e trabalhar, não é? Numa terra como essa, em que as coisas são tão difíceis, é preciso que a gente dê as mãos uns aos outros e faça então realmente uma força maior, e foi isso meu desejo, e foi isso que os japoneses entenderam. Quando o prof. Hasami(?) chegou aqui que viu, eu lancei a pedra fundamental, fizemos discurso, no Lions(?), e ele estava aqui, o Hasami, na época, inclusive a universidade deu a ele o grau de doutor pela universidade, já, porque tinha ... E ele ficou entusiasmadíssimo. Aí eu levei ele no Rio de Janeiro, fui a Brasília com ele, quando houve a aceitação do projeto, e ele foi comigo ao Rio de Janeiro visitar especialmente Manguinhos. E lá fomos recebido pelo Vilarde(?) ele passou, ele passou o dia inteiro, ele ficou então encantadíssimo. Ele não sabia o que era a Fundação Oswaldo Cruz, ninguém aliás sabe, só quem entra ali dentro tem idéia do que, do colosso que é realmente a Fundação Oswaldo Cruz, não é? Ele ficou encantado e virou-se pra mim, disse: “Eu estou maravilhado, o projeto agora vai dobrar, porque, nós estamos plantados realmente em duas pedras formidáveis, uma universidade e um Instituto Oswaldo Cruz né.” E dobrou, o projeto passou a 5 milhões de dólares, entendeu? Ele voltou, várias vezes, e mandou equipe de arquitetos, acompanharam a construção do edifício, você não pode imaginar, o cuidado, aquilo foi feito, o tipo de instalação pra receber aquele equipamento, instalação elétrica, hidráulica ... Bom, pra você ter uma idéia, havia um problema de água, sabe o ele fez? Ele mandou do Japão pra cá, de navio, uma estação de tratamento de água, se usava, que se usa no Japão pra pequenas cidades. Existe lá, atrás do Ageu Magalhães, sendo que você vai ver, uma coisa bonita, parece até uma fábrica assim entendeu? que é um centro, uma, uma estação de tratamento de água, que serve pra todo o edifício. Água perfeita, pra pesquisa, tudo. Dada, doada, não estava previsto isso. Você vê o entusiasmo que ele teve. Infelizmente o Hasami(?) morre também, morreu um ano antes da, o prédio estava em construção, um ano antes da inauguração. Isso foi um choque muito grande que nós tivemos, não é? Porque nessa altura, eu e o Hasami(?), já estávamos ligados como se diz, de uma maneira maravilhosa que é essa do ideal comum, do ideal de realizar alguma coisa boa, alguma coisa grande, que possa realmente melhorar a, o, a situação da universidade, e a situação afinal de contas, da saúde pública, de um modo geral. Inauguramos então o centro de pesquisas, tudo certo como se havia combinado, e eu fiquei ainda lá algum tempo trabalhando, até que chegou o momento que eu senti que a minha missão estava cumprida. Aquela coisa que bate dentro da gente e lhe diz: chegou a hora né? Eu senti que devia deixar a passar pra outro, mais jovem. Eu realmente me desgastei muito. Foram três ou quatro anos de luta muito grande pra conseguir realizar, tanto o convênio do Japão como, levantar o Ageu Magalhães e, me pareceram os problemas de saúde, essa coisa toda. E eu senti que eu não tinha realmente outra opção, não é? Não tinha outra opção pra continuar naquela, naquele ritmo que eu tinha

realizado tudo aquilo e optei então de sair da direção, fiz uma carta pro, [Sergio] Arouca, o Arouca já era presidente, inclusive o Arouca foi uma pessoa extraordinária. Ele, quando chegou, na Fundação Oswaldo Cruz, eu não sabia de nada né? ele, depois o [Carlos] Morel me contou, eles ficaram apavorados, foi as notícias que chegavam lá, é que estava fazendo uma loucura aqui em Pernambuco, construindo uma coisa assim desse tipo, a Fundação Oswaldo Cruz não tinha condição de sustentar um centro de pesquisa daquele nem nada. A mesma coisa eu enfrentei com a universidade, o reitor não queria o convênio porque dizia “Nós não temos dinheiro pra sustentar isso”, né? Quando esse pessoal sabe que dinheiro existe, mas o dinheiro só chega quando os mentores do dinheiro sentem que há um lugar pra gastar esse dinheiro, certo. Não falta dinheiro pro Aggeu Magalhães nem pro LIKA, tudo aí. E, diante disso, eu inclusive lembro que os primeiros passos para o apoio da Organização Mundial de Saúde, pra financiar realmente os projetos do Aggeu Magalhães, foi dado aqui, o Morel telefonou uma vez dizendo que tinha dois diretores da, da Organização Mundial de Saúde, que tavam visitando a fundação e que gostariam de passar aqui. E eu recebi, não teve outro jeito, foi num dia de domingo que eles passaram por aqui, e eu fui pra lá mostrar o edifício todo a eles, antes de inaugurar, pouco tempo, pouco tempo antes de inaugurar, e eles ficaram boquiabertos quando viram realmente toda a estrutura, todo o projeto, o que é que nós tínhamos realizado. O biotério do Aggeu Magalhães é uma coisa maravilhosa, tem mais de 1000 metros quadrados. Todo feito com, inclusive inspiração e orientação de técnicos de Manguinhos, biotério de Manguinhos, que é uma beleza. De modo que foi feito tudo de acordo com o que se pudesse realmente funcionar, e, passado esse tempo todo, o que eu tenho tido de maior satisfação na minha vida, é de ver que, tudo que foi sonhado, foi realizado. E eu acho que essas coisas são muito mais gostosas, a gente vê fora do que até dentro tá? Depois de a gente sair do palco e ir pra platéia é muito gostoso, é delicioso você olhar e vê tudo aquilo funcionando, e lá adiante talvez sem ninguém talvez saber que é aquela pessoa, tá no íntimo, tendo aquela sensação que ninguém pode ter, de sentir o dever cumprido, de sentir que realmente ele conseguiu fazer uma coisa, importante, pro futuro, não é? e, pro bem comum, não é? É essa a história, em poucas palavras.

TF - Sobre, o Aggeu, o papel dele dentro da saúde pública em Pernambuco, não é? diante da Secretaria da Infra-estrutura, da Secretaria de Saúde né? Como é que era essa relação, quer dizer, atendendo uma necessidade da população, num determinado local com uma determinada é, é, parte específica da saúde pública, parte específica da saúde pública?

AM - Nós tivemos durante todo tempo lá uma participação muito importante no problema da filariose, e ainda hoje é, depois que eu saí então, o, o Centro de Pesquisas Ageu Magalhães desenvolveu pesquisas, continua se desenvolvendo, pesquisas muito importantes em saúde pública, em filariose, que valeram a um, a um, o Ageu Magalhães ser considerado, passar à categoria de um centro de referência internacional da Organização Mundial de Saúde, em filariose. Você sabe o que significa isso né? É uma situação magnífica e que, existe uma dotação orçamentária extraordinária sólida, pra esses centros de referência internacionais, esses centros de referência internacionais são chamados para ir à África, qualquer, Ásia, qualquer lugar, no sentido de transferir tecnologia, supervisionar trabalhos de saúde pública, e é isso que o Ageu Magalhães é hoje, é um centro de referência internacional para a Organização Mundial de Saúde. Por aí você imagine já a importância, quer dizer, esse chegou ao ponto exato, não é? Não pode ser coisa melhor que isso. Então se garante...

TF - Com relação, com relação aos serviços locais pela Secretaria de Saúde, há alguns ...

AM - Há muitos trabalhos, por exemplo, foram feitos vários trabalhos e ainda tão se fazendo, vários trabalhos em filariose. O problema da filariose aqui no Recife, sobretudo na, na, no, no nosso, área metropolitana é uma coisa ... maior incidência de filariose no Brasil, uma das maiores incidências é aqui, nessa área.

TF - Mas é mandado o material pra exame (?)

AM - Sim, eles fazem controle, fazem tudo, de, de... desenvolvimento de tecnologia de, de combate a, a, ao, a transmissão da filária, quer dizer, ao, ao mosquito né?

TF - Esquistossomose também continua sendo.

AM - Esquistossomose também continua sendo. Sim! nesse meio termo, eu me esqueci de falar, que, uma certa época, antes de, do, do Aggeu Magalhães sr transferido pro Centro de Pesquisa, ser transferido pra, o novo edifício, o novo edifício tem 5.000 metros quadrados né? É uma coisa realmente bem adequada, está agora sendo, porque foi construído com condições de fazer um outro pavimento, ampliar, está sendo ampliado já, e, o, o, havia lá nessa época, no, no Espinheiro uns trabalhos muito interessantes do Frederico Simões Barbosa, que apesar de estar em Brasília, no sul, ele mantinha sempre um trabalho lá de, de malacologia, de caramujo, sem, sistemática de caramujos e, e, pesquisas inclusive de competição biológica de caramujos, hospedeiros da esquistossomose, muito interessantes, mas que não tinha mais lugar no Espinheiro. De repente nós lembramos que existia, existia um pequeno prédio numa cidade aqui próxima, fica meia hora, quarenta minutos de, de ... São Lourenço da Mata. E lá então nós fomos e, e, re... conseguimos algum dinheiro e fizemos uma reforma e transferimos pra São Lourenço todo o trabalho do Frederico, em condições muito melhores e tivemos a idéia de colar, de chamar, de Estação Biológica Experimental, nome realmente interessante né? E Vilarde veio à inauguração, inauguramos o centro, a estação de biologia experimental com toda, com banda de música, no interior isso é ótimo né? Chama a atenção da população e tal, e o Vilarde veio, foi muito bonita a inauguração. E lá está ainda, hoje parece que já não se chama mais Estação de Biologia Experimental. Frederico me disse, tem um outro nome que eu não sei qual é. Mas continua como um campo, uma, uma pesquisa de campo, campo avançado né? Isso tudo foi feito ...

AT - E Exu.

AM - Bom, Exu continua, como antes, a ser, é ... como se diz, é uma área que a fundação supervisiona. Mas isso já é um convênio que a fundação tem, pelo menos naquela época, não sei atualmente, tem com o, o departa... o, o ministério da saúde diretamente da parte de, das grandes, das endemias, como a peste né? Tem uma divisão de peste né? divisão de peste.

TF - O Deneru?

AM - Era o Deneru, mudou de nome tal. Mas enfim, essa parte de peste o ministério da saúde praticamente entregou a Fundação Oswaldo Cruz, pelo menos aqui, pra supervisão técnico-científica.

TF - Então não é da Fundação, é isso? seria isso?

AM - Não era da Fundação, não era da Fundação. Mas a Fundação dirigia e, com guardas sanitários, com o pessoal do, do ministério da saúde, não era do nosso quadro, entendeu? era uma mistura, só a parte do dire... do Célio ... Almeida, e, e (...) e da esposa dele, que é ex, que são as duas pessoas que estavam lá e, não sei agora como é que a coisa anda. Parece que o Célio já aposentou-se, a coisa mudou muito né? Mas sempre foi feito assim.

TF - E a Fundação SESP(?) trabalhava aqui? Vocês tinham alguma relação?

AM - Nunca tivemos nenhuma relação com a Fundação SESP. Eu acho que a gente já tinha muita coisa pra fazer, muita coisa pra fazer. Eu tive uma idéia também, e consegui dar os primeiros passos. Eu gostaria de refaz.(?). A idéia de neste, nesta relação entre a Universidade Federal de Pernambuco e a Fundação Oswaldo Cruz, nós entrássemos na área também de saúde pública, na área de ensino, com vistas a uma, a um apoio da ENSP, da Escola de Saúde Pública da Fundação, para que se montasse aqui um curso de saúde pública, e, inclusive, futuramente, uma Escola de Saúde Pública dentro da própria universidade. Que eu acho que seria o lugar indicado, mesmo porque, todo mundo sabe que é importantíssimo uma escola de saúde pública nessa área do nordeste. Porque só existe, se eu não me engano, uma em São Paulo e uma no Rio de Janeiro né? não sei se não me engano, só tem alguma, e fora disso não tem, na Bahia eu sei que não tem, pelo menos não tinha, de modo que eu achava, já naquela época quando eu dei, antes d'eu deixar, meu último trabalho foi consegui isso, e eu consegui com o ministro Marco Maciel. Fiz uma carta, inclusive essa carta tá aí documentada, lembrando de que era interessantíssimo se pensar nesse, nessa colaboração Fundação Oswaldo Cruz com a Universidade, pra se montar aqui uma escola de saúde pública. Iniciando-se com cursos, com apoio de professores de lá que podiam vir pra cá, não é? Já existia o Ageu Magalhães com condições, a universidade podia ceder um pouco mais de terreno e se construir até uma instalação, pra escola de saúde pública. Mesmo porque o Ageu Magalhães tinha tradição, porque a muitos anos, mesmo antes de eu assumir, existia lá, e durante o meu tempo todo existiu, um curso de saúde pública, feito pelo pessoal do Ageu Magalhães com ajuda, com apoio do departamento de, de ...de Medicina Preventiva como se chama hoje, na universidade, quer dizer, já existia isso. Não havia mais nada, era só ampliar o convênio e tornar realmente a coisa mais importante do que o próprio, um simples curso.

Bom, isso o ministro Marco Maciel ficou entusiasmadíssimo, me convi ... me chamou a Brasília, tivemos uma reunião, com o ministro Carlos (...) Santana, não é? que era ministro da saúde. Então, essa reunião foi o (...) eu fui representando o Centro de Pesquisas, o Arouca foi, com o Frederico, que era diretor da Escola de Saúde Pública também, nós fizemos a coisa toda; cercamos mesmo a coisa, e os dois ministros, o Marco Maciel e o Carlos Santana. E nessa reunião.

AT - Marco Maciel era o ministro da Educação?

AM - Era o ministro da Educação. Foi feita então um, um acordo, e esse acordo foi referendado numa reunião aqui em Recife, meses depois, foi lançado então os primeiros passos de um convênio. Mas esse convênio morreu, foi abortado como se diz, não saiu do papel, não é? Houve aí, nessa altura, uma certa, (...) vamos dizer, influência de ordem ideológica, digamos assim(...) entre, vamos dizer, nós, o pessoal da Fundação Oswaldo Cruz e, alguns elementos da universidade, entendeu? Ficaram achando que, sempre esses problemas né? Esses problemas políticos e tal, e a coisa morreu aí, morreu aí, e não foi feita.

Eu sei que hoje em dia está se falando muito, eu tenho conversado lá, com o pessoal do Ageu Magalhães, e há uma ideia; parece que encaminham uma idéia de se formar um setor de ensino aqui de saúde pública, o que é importantíssimo. Nós temos uma deficiência aqui muito grande de sanitaristas, de pessoal de saúde pública.

AT - E o NESC não forma já, não ...

AM - É, exatamente. O NESC é um produto, vamos dizer, daquela idéia original né?

AT - Sei.

TF - Mas o NESC é ligado a, ao Ageu.

AM - Ao Ageu. O NESC surgiu do antigo curso que sempre existiu em saúde pública, melhorado.

TF - Ele ficou sendo esse curso.

AM - Ficou, esse curso continuou, não é? continuou

TF - Lá?!

AM - Lá.

AT - O outro funciona no Pedro II, não é isso?

AM - É um lugar muito bom, tem estacionamento... Pois é, afinal de contas a idéia de saúde (...) pública sobreviveu, né?

TF - Curso de especialização.

AM - Sobreviveu, curso de especialização em Saúde Pública. Não realmente... não é um curso igual ao, ao, ao da Escola de Saúde Pública de Manguinhos né? Como seria desejado, uma coisa maior, mais ampla. Mas, de qualquer maneira, ele preenche muito as necessidades.

TF - E ele faz só, só ensina ou ele faz pesquisa também?

AM - Não, ele só ensina, ele só ensina.

TF - Me diga o seguinte professor: como é que as áreas de investigação de vocês, quer dizer, filariose e esquistossomose acabaram sendo de áreas fortes, né? de trabalho do Ageu, e isso foi determinado pelo quadro epidemiológico da.

AM - Local.

TF - Local.

AM - Era realmente uma doença, a esquistossomose era uma doença terrível, a gente, eu me lembro bem, eu dentro, nos hospitais, o Departamento de Saúde Pública, o, no Departamento de Anatomia Patológica passou um período, antes de ir pra universidade, porque nós mudamos do Dérby pra o Hospital Pedro II, passamos um período lá, de preparação do Hospital das Clínicas, depois nós mudamos, todo mundo para um hospital novo. Nesse convívio de clínicos e patologistas e tal, nós tivemos oportunidade de desenvolver muito melhor os estudos, não é? Porque, eu me lembro, era uma coisa terrível, a gente ver jovens, porque é uma doença que atinge a faixa etária da criança né? Ver crianças com o baço enorme, inclusive com infantilismo, o infantilismo, uma coisa terrível. Hoje, praticamente, acabou. Com o advento do novo tratamento esquistossomose, eu acho que hoje, depois de muito tempo, se discutiu muito isso né? O plano PET(?), chamado, que foi idealizado, realizado pelo, pelo ministro Paulo de Almeida Machado, realmente foi um, um herói, eu acho que ele realmente somou muita coisa. Foi muito combativo e tal, achava que gastou muito dinheiro, mas ele conseguiu dá um saldo altamente positivo. A esquistossomose mudou, não acabou. Era impossível acabar. Mas, aquelas formas graves, terríveis, acabaram. Não temos mais quadros de formas graves.

AT - Acabaram, é, com um tipo de controle diferente dos, dos iniciais que era em cima dos pesticidas não é isso?

AM - É, pesticidas. Eles conseguiram, nas, a história toda foi, eu, eu participei muito disso né? Foi a descoberta de um novo sal para tratamento do *shistosoma mansoni*. Antes, e eu usei muito isso em camundongos, era os, os chamados antimoniais, não é? Só de antimônios. Esses antimoniais eram, são altamente tóxicos, e, nós mesmos tivemos ocasião de mostrar, de demonstrar tanto em, em auto... necrópsias, como em animais experimentais, que é o tratamento feito a... pelo antimoniais havia com que os vermes mortos fossem levados pro fígado e lá então acontecesse a absorção desses parasitas. Acontece que, pelo um mecanismo muito complicado, difícil de explicar aqui, esses, esse mecanismo de absorção de parasita tratado, morto pelo antimonial, (...) determina uma lesão muito grande no fígado, lesão muito grande no fígado. Porque aquela massa do parasita, o parasita é grande! tem um centímetro e pouco né? o parasita é, é, é, ele vive preso com duas ventosas no nedotério das veias portas, nas raízes das veias portas, na mesentérica (?) inferior. No momento em que ele é intoxicado pelo antimônio ele perde, a primeira coisa que faz é perder a força de fixação, então ele é levado como êmbulo e a direção desse, desse êmbulo é diretamente pro fígado, porque a veia porta, todo o sangue desce pro, venoso vai em direção, é única veia chamada porta, e depois que entra no fígado ela se subdivide em ramos, cada vez mais finos, então o êmbulo vai até o ponto em que ele calha, em que o tamanho do, do capilar é igual ao dele, aí ele fica e aí ele começa a sua desa... desa... desagregação, o necrose, e isso produz um.(int)

Fita 2 – Lado B

AM -Quase um mês pra ser absorvido e no fim de tudo resulta uma cicatriz, uma fibrose, e essa fibrose nós achamos né? Que é realmente que vai produzir a chamada fibrose hepática, esquistossomótica. Nós defendemos, eu fiz um trabalho, em 1960,70, quando vim dos Estados Unidos, já mostrando, nas autópsias, nas necrópsias do Serviço de Verificação de Óbitos, não é? que os vermes mortos no fígado produziam lesões graves. E esse, essa idéia foi lançada, foi bem aceita por parte da ... classe médica, os médicos especialistas em gastroenterologia e tal, mas uma parte não aceitou, achava que o tratamento, dependendo do tratamento, eles ficavam apavorados porque achavam que o tratamento era formidável e, não é, e não queria aceitar muito a idéia de condenar o tratamento, isso criou-se uma celeuma em (...) praticamente nacional o qual nós nos vimos envolvidos e coisa e tal. Mas nada como esperar o tempo, né? Esperar o tempo. O fato é que nós tivemos comprovação, inclusive o Frederico teve aquele trabalho em Pontezinha e, estava fazendo tratamento e eu disse a ele: “olhe, no dia que morrer uma pessoa eu gostaria de necrociá-la.” Houve um acidente, de vez em quando havia um acidente, um rapaz jovem, até era um militar, entrou em coma, depois da última dose, e nós fizemos a necrópsia e encontramos os vermes mortos no fígado, produzindo lesões terríveis nesse me... rapaz. Essas glândulas foram estudadas por mim, depois eu fui visitado, fui procurado aqui por um grande cientista americano, Byan Hoffman(?), imunologista, que lendo os trabalhos publicados em revistas americanas e ele ficou entusiasmado, queria conhecer e o Bayan Hoffman(?) é um, é um grande imunologista americano, teve inclusive um prêmio nobel, descobridor da estectomicina(?). E ele então conhecia muito o Frank Neber (?) que era diretor do departamento de saúde, de saúde pública de Harvard. E então o Frank me conhecia e deu meu endereço, ele me escreveu uma carta dizendo que gostaria de passar em Pernambuco, ele tinha sido convidado pra ir dá um curso sobre linfócitos no, em São Paulo, na USP. E ele veio, parou aqui, passou três dias, conosco, deu duas ou três conferências e ficou conosco no laboratório. vendo aquele material todo. E viu realmente, que eu já tava com aquela coisa toda de imunologia né? Ele viu que a coisa tinha realmente uma importância tão grande que no ano seguinte ele voltou e mandou um assistente dele ficar comigo durante seis meses aqui trabalhando, sobre esse assunto, esquistossomose. Então tudo isso foi uma coisa que foi acontecendo né? Como, você imagina diante daquelas informações que a gente tinha em mão né? E aí o, o, o, descobriram então um outro sal que é, que foi a oximiniquine(?), que não é um antimônio, é uma oxinodeína. Quando aconteceu isso, eu já estava realmente no Ageu Magalhães, eu então imediatamente reproduzi o que tinha feito anos antes publicado, fiz infestação de camundongos, esperei que eles amadurecessem, cerca de 25 dias por aí, antes da oposição e fiz o tratamento, e fiz o tratamento, desta vez com anti... não com o antimônio, mas com alfaminiquine(?). E, sacrificava então os animais, em períodos sucessivos, com 5 dias, com 15, com 20, com 30, pra ver a evolução dos vermes mortos, certo? E aí qual não foi a minha surpresa quando verifiquei que a lesão era completamente diferente. Quer dizer, o verme não era morto, depois de tudo isso, é uma história muito longa mas eu vou rápido, vou rapidinho dizer, depois nós descobrimos, em microscópio eletrônico, já no LIKA, com o apoio fantástico de microscopia eletrônica, microscópio de varredura, esse trabalho foi publicado, inclusive no, no, no, na Fundação Oswaldo Cruz, nas Memórias, nós descobrimos que a oximaniquine(?), ela destrói o tegumento, uma membrana do tegumento do parasita, que esse envólucro é um envólucro fundamental pra esse

trabalho sobreviver, porque sendo ele um parasita, estranho ao organismo, ele só poderia viver no sangue se ele tivesse camuflado.(...) Então essa, esse tegumento do verme ele tem um, um, uma mistura, depois eu saí pesquisando, encontramos várias coisas de substâncias do organismo do próprio hospedeiro, que ficam ali como se fossem, mimetizando, e os anticorpos não atacam o verme, deveriam atacar, não é? Que é um elemento estranho, não atacam porque não reconhecem ele como elemento estranho, reconhece como próprio. Acontece que a ox... oxaminiquine tem esse papel, ela destrói essa substância, e aí as células vão em cima e penetram no bicho ainda vivo! Eu tenho experiência porque consegui tirar os vermes ainda mexendo, examinei no microscópio eletrônico, e eles já com as úlceras, formam umas úlceras, e esse microscópio eletrônico, belíssima fotografia, não é? Belíssima fotografia. Você vê, formam assim uma úlcera e eles, e as células, imunologicamente competente, penetram através dessas, dessas áreas e vão fagocitar, vão des... absorver o parasita, ele evacua o parasita. O parasita, inclusive o parasita primeiro incha, ele absorve água por causa da perda da, da membrana, sabe que troca de membrana, troca de líquido. Então entra muito soro, água, dentro do parasita, o parasita fica, assim como se fosse vitrificado, a gente olha no microscópio, a lesão, ele, ele fica cheio de água e as células penetram e limpa. Então o granuloma não é um granuloma como era o outro, é um granuloma suave, quer dizer, altamente eficiente, vamos dizer assim, por parte do hospedeiro, que consegue absorver o verme sem si, sem lesar, ou lesando o mínimo possível o vaso. Então isso é que foi a grande coisa, e quando o pro... próprio ministro Paulo de Almeida Machado começou a fazer esse trabalho houve um movimento terrível, de muitas pessoas que achavam que iam morrer muita gente, com o tratamento, mas não aconteceu. E aí é que foi exatamente a motivação de nós termos procurado saber porque não tinha acontecido o que estava previsto.

TF - Foi, foi introduzido esse novo sal no tratamento da (?).

AM - Foi, foi esse, foi essa, o Paulo era ela lançado, quando lançou o PEF(?) foi exatamente distribuindo essa medicação como arma pra fazer o tratamento em massa da população, das populações, foi feito um tratamento em massa da população, com oxamaniquine(?)

TF - Ainda é utilizado até hoje?

AM - Ainda é utilizado pelo. Já existe um outro sal parecido, mas tudo na mesma base. Pra você como é interessante, a ciência como mostra a coisa. A sorte nossa, e dos brasileiros também, que se não fosse isso, se fosse um tipo como antimonial tinha sido um desastre.

TF - E o LIKA continua hoje bem conceituado.

AM - O LIKA hoje é um centro de referência também, basta dizer, nós, recentemente, o LIKA recebeu uma nova dotação de, denovo convênio, dos japoneses, porque o convênio japonês terminou, eles dão um período de dez anos acaba, quatro, cinco anos acabou, eles foram embora. No começo eles trabalharam aqui, foram embora e deixaram. Aí o LIKA teve que sobreviver às suas próprias custas, não é? E, teve dificuldades.

TF - O LIKA tem verbas da Fundação? não?

AM - Tem não, tem não. Ele tem verbas próprias, também de, de.

TF - Da Universidade.

AM - Da Universidade através das fontes, das fontes financeiras. E, e agora, o LIKA tem também, porque os japoneses resolveram fazer ele um centro de treinamento para pesquisador do mundo inteiro, em saúde pública, em parasi... em doenças parasitárias.

TF - Todas as doenças?

AM - É. Então vem pra cá estagiários, do Japão, da Venezuela, da China, afinal, aqueles que se candidatarem o, a JAICA, você sabe o que é JAICA? o que é né? A JAICA é o Japanese International Corporation Agency, Agência de Cooperação Internacional. Essa JAICA é o órgão do governo japonês capaz de fazer tudo, toda a parte de ciência e tecnologia é... cooperação internacional pela JAICA, tem muita verba pra isso. Então a JAICA dotou, celebrou, com a universidade, um novo convênio, dando dinheiro, provisões orçamentárias específicas, para que o LIKA receba esses pesquisadores, façam projetos, desenvolvam pesquisas, tudo isso. Então foi uma maneira ótima de melhorar um pouco a situação do LIKA.

TF - Ele tem financiamento interno como nós fazemos, CNPq.

AM - Tem também, exatamente. O LIKA vai muito bem aliás. Recentemente no, nas comemorações que houve para o, o centenário né? do, do, do, da imigração japonesa no Brasil não é? comemorou-se, houve um simpósio médico-científico em São Paulo, e o pessoal do LIKA foi apresentar os trabalhos, e, eu tive informações, seguras, de que foi um sucesso enorme, e que foi considerado, inclusive pelo pessoal de mais alto nível, que os nossos trabalhos, os trabalhos aqui, do LIKA, foram superar em muito todos os trabalhos apresentados, inclusive da USP, o pessoal da USP. Você vê como é a coisa né?

TF - Me diga o seguinte, o Instituto dos Antibióticos também funciona lá na, lá.

AM - O Instituto de Antibióticos é um grande exemplo do que, é possível se fazer quando se tem realmente um, um grande ideal né? que foi o, o Osvaldo Gonçalves de Lima. Osvaldo Lima foi uma das figuras mais importantes da nossa universidade, ele a, 30 anos atrás, ou quase 40 anos atrás, ele idealizou, logo quando veio, começou o programa dos antibióticos, ele idealizou fazer um laboratório de pesquisas para isolar antibióticos, você sabe que muitas vezes isolados de áreas, de plantas e, do próprio solo, e ele criou esse instituto, um sacrifício enorme e ainda hoje tá lá, com uma folha de trabalho magnífica, como também existe na universidade outro exemplo que é o instituto de, de pesquisas, tem o nome do Nelson Chaves, que é o (?) de, nutrição, que foi o centro de nutrição.

TF - Todas as três tiveram ligação entre o Ageu e o.

AM - Não, não tinham. Foram surgindo, cada uma em seu lugar, mais ou menos simultaneamente né? Nós tivemos muita coisa bonita nessa universidade. Eu inclusive disse num discurso, a pouco tempo, que a universidade era o maior centro cultural,

científico e tecnológico de toda essa área do nordeste brasileiro. Não há dúvida nenhuma, pela sua história, pelo seu desen... pela própria fundação. Sabe que a nossa Faculdade de Direito é uma das maiores do Brasil, tem uma história muito bonita, e a de Medicina também, e a de Engenharia, você sabe que os maiores é, é, cientistas de, de atômicos no Brasil, o pessoal todinho, seja lá, só estudaram aqui. Foram daqui do nosso centro, formadores, engenheiros. Então é uma história realmente muito bonita a nossa. Quando eu ingressei, ingressei no centro de pesquisa resolvi mesmo dar um ponto na minha vida de pesquisador, e de tudo que eu tinha. O negócio foi tão grande, tão puxado, tão realmente desgastante sobre uns certos aspectos e maravilhoso sobre outros que isso me consumiu muito, não é? E eu ti... desenvolvi um problema de hipertensão arterial, a história foi essa também. Então me apareceu umas dores de cabeça, ainda hoje eu tenho, e, chega um ponto que, as vezes tinha dia que eu nem podia trabalhar. Chegava lá, fechava a porta do gabinete, tomava um remédio, ficava esperando que a dor de cabeça passasse pra começar. Isso me atormentou, me atormentou muito. E então eu fui aconselhado sair, mas entre nós, pelo meu cardiologista, que eu tinha que deixar aquela coisa toda. Mas aí eu tive uma, nesse momento, eu sempre tive uma idéia. Eu posso dizer isso na minha, na minha história, é melhor né?

Eu tive um outro lado, sem ser o médico-científico, que foi a parte de, vamos dizer, literária, entendeu? a parte humana, a parte social, e, eu fiquei frustrado, porque quando eu decidi realmente fazer Medicina, eu ia estudar Direito, (?) eu resolvi, decidi mesmo, que eu tava levado por aquele, aquela coisa de todo mundo dizer, a família dizer, os amigos dizerem, ia lá, “o pai daquele jeito”, aquela coisa dele toda né? Então eu, achei que o momento era oportuno, me saí, da cena. Que inclusive eu via muito meu pai, meu pai era um homem assim que falava, né? sertanejo, gostava muito de falar assim, de maneira, não é? E ele dizia: “Olhe, a coisa mais importante de um homem é saber sair na hora oportuna.” Certo? Então citava casos, o Otávio de Freitas, que é fundador da Faculdade de Medicina, um homem maravilhoso, fantástico, é o criador de tudo, passou muitos anos como diretor, e depois ninguém agüentava mais, ele já tava velho e tal, todo mundo queria que ele saísse, ele precisava sair, mas ele não se dava conta disso, ele, ele me falou nisso. Eu achei naquele momento que eu tava, era a minha hora de sair da direção, e empregado da fundação, que eu tinha feito tudo, tava tudo certo, encaminhado, como fato aconteceu. Então eu acho que a agora devia dar pra outro e ficar como pesquisador comum e tal, aquela coisa.

Mas aí eu comecei a sonhar realmente, o outro lado que eu tive da minha vida, e caí na, pa..., conhecer o grande patrimônio que a humanidade dispõe, que é essa parte de literatura, de filosofia, não é? Conhecimento, tinha muita vontade de ler essas coisas. E aí comecei a ler. E fiquei, foi quando eu me retirei e vim aqui pro laboratório dar um expediente, minha filha, meus filhos já estavam tomando conta, expediente pra não perder, vamos dizer, melhorar um pouquinho a minha situação econômica, ficou muito baixa, é, mas ter tempo pra ler, aí o que foi que eu fiz? comecei com Platão, Diálogos de Platão, aquela coisa fantástica, e aí eu li, peguei vício, e daí por diante psicologia, literatura, fui lendo uma série de livros. E isso tudo deu uma certa, uma certa, é, vamos dizer, espécie de acoplamento, eu nunca pensei que o pa ... que o biólogo, quer dizer, eu, na minha vida fiz biologia, porque medicina é biologia, pura né? Fundamentalmente é biologia, depois a arte de curar. Então eu nunca pensei que a formação de um biólogo fosse tão significativa, tão importante pra entender o resto. Porque na realidade a sociedade é um prolongamento do indivíduo, então todos os fatos sociais, todos problemas sociais representam um, o conjunto de cada um(...) grande problema. Eu comecei a ver isso, então isso me, me deu uma facilidade de raciocinar, de compreensão, eu lia e dizia: “Mas é isso.” Eu sentia que era aquilo que realmente, que

eu tava lendo, que eu pensava e não sabia né? Isso foi muito interessante. Eu posso falar nisso né?

Então vamos começar. Vamos começar da minha infância né? Então você faz a primeira pergunta aí, né melhor? Bom, então ligue, ligue o aparelho.

AT -Tá ligado.

AM - Ah? Já tava ligado? E pode fazer assim?

AT - Depois, quando for editar, a gente pode tirar.

AM - Bom, eu vou falar sobre a minha pessoa, vou tentar realmente recuperar a memória que, hoje em dia os autores chamam de devaneio. Eu tenho lido muito [Gaston] Bachelard, francês, não sei se você já ouviu falar, que é uma coisa fantástica, a poesia do devaneio. E, isso ajuda muito a gente a exercitar o passado. Acreditam, vários psicólogos que eu tenho lido, que se você começa a pensar, não é? a meditar o seu própria, o seu próprio passado, você consegue ir longe, muito longe, muito no início da própria sua, da própria vida. Porque existe uma memória que é uma memória é (...) cósmica, é uma memória que veio da formação, que não depende da gente, no início né? Mas que esta memória está lá, e se você fizer um exercício mental, você consegue re... reaver e, e lembrar de coisas que você nunca imaginou que lembrasse. Então eu fiz muito ultimamente. Isso me dá um devaneio muito grande né? Bom, mas, baseando nesse espírito de coisa que eu acabei de dizer, não é? Desse meu lado social, humanístico né? Profundamente humanístico e, de uma sensibilidade muito grande, e naturalmente isso foi um, uma condição genética e também a absorvida pelo ambiente em que eu vivi desde a minha infância. Meu pai, foi um homem de um, todo mundo sabia disso, ele era, tinha uma sensibilidade enorme pela vida e, ele (...) entendia perfeitamente bem o sofrimento da, dos outros, como médico e como humanista, tem discursos dele que são lindíssimos, belíssimos em que ele fala(...) que a vida realmente tinha que ser vivida com, com otimismo, vendo o lado bom da vida, não é? Você procura só, é, desenvolver, é, desenvolver o seu, a sua formação mental, o bom, e esquecer o lado mal, você consegue formar uma personalidade. E você é feliz! Porque você consegue viver bem com o mundo, viver bem com as pessoas, procurando, sobretudo, ajudar as pessoas, sentir prazer em fazer alguma coisa pra ajudar as outras pessoas. E, muitas vezes não necessário dinheiro, as vezes um gesto, um afago, um carinho que você diz a uma pessoa, na hora que aquela pessoa precisa representa muito, representa muito. E, esse fenômeno de comunicação, vamos dizer assim, que você consegue desenvolver, se você realmente cultivou esse lado da vida, bom, lado bonito, esse lado humano, de amor, né? Você transforma-se, no seu próprio ego, uma pessoa feliz. Era realmente impressionante. Da mesma maneira de que se você é uma pessoa raivosa, odiosa, entendeu? que vê as coisas erradas e que procura criticar os outros, você está sempre, sempre sofrendo, mesmo que você pense que não, você está sofrendo. Isso é um segredo. Eu aprendi isso com o meu pai. Ele era um homem de uma, de um espírito humanístico impressionante. Eu lembro muito bem, numa das etapas da vida dele, que ele foi convidado pra ser secretário de saúde e educação do estado de Pernambuco e(...) foi visitar os grupos escolares, como professor

AT - Era secretaria de saúde.

AM - Era secretaria de educação e, entrar em contato com os professores ele adorava as crianças, preocupava-se muito com as crianças. E os professores se queixavam que educa... na educação física estava muito difícil porque simplesmente os meninos desmaiavam. Várias crianças desmaiavam na educação física. Ele, imediatamente, mandou suspender e mandou verificar o que estava acontecendo. E num (?), rápido, que eles fizeram, verificaram que a maioria das crianças iam pra escola sem ter tomado primeira refeição, em jejum. Então ele imediatamente criou a merenda escolar. Foi o primeiro, a primeira que falou em merenda escolar. Isso não é, foi em mil novecentos e quarenta e seis, 45 pra 46. E, o, a merenda escolar que ele estipulou, que ele idealizou, foi um copo de leite. Porque como médico ele sabia que um copo de leite tem tudo que uma criança precisa, precisa mais nada, um copo de resolve tudo. Tem proteína, tem gordura, tem

AT - Era o governo ainda do irmão dele, de Agamenon?

AM - Não, não, não foi no governo.

AT - Barbosa Lima? Antes? Foi no interregnum.

AM - Foi no, no, antes. Foi no interregnum, naquela época. José Domingues, foi ele secretário de saúde e educação, Pelópidas Silveira, prefeito, e Murilo, e Murilo Coutinho, se não me engano, de viação e obras públicas né? E então ele, ele fez isso.

AT - Maurício, não? Murilo, Murilo.

AM - Murilo, Murilo.

AT - Me dê uma informação. É. seu pai, durante o, o período em que Agamenon como interventor e depois como governador, ele foi da secretaria ou do departamento de saúde?

AM - Não, não. Ele nunca ocupou cargo público porque o, a formação do Agamenon era que, jamais nenhum parente devia se ocupar de nenhum cargo público. Ele era de um puritanismo assim. Impressionante o Agamenon. Ele não ajudava os parentes, não admitia que um parente tivesse emprego, entendeu? Achava que, a honestidade dele chegava a esse ponto, e ele não, nem. as vezes até o pessoal criticava um pouco, parente próximo, mas ele não queria que se dissesse que ele estava, entendeu? usando a máquina pra, era uma imagem completamente diferente que ele tinha da vida pública. E então, quando, agora um fato, quando ele chegou como interventor federal em Pernambuco, em 1937, por aí, né? Depois do golpe de Estado, ele encontrou meu pai diretor da Faculdade de Medicina, eleito, como diretor da Faculdade de Medicina, mesma coisa, a primeira coisa que ele fez foi pedir que meu pai pedisse demissão, da Faculdade de Medicina. Embora a Faculdade de Medicina não tivesse nada a ver com aquilo ali. Ele apenas era, era, um, uma faculdade particular, mas subvencionada pelo estado. Então ele pediu que ele pedisse demissão, não queria ninguém em cargo nenhum.

AT - E ele pediu?!

AM - Pediu, imediatamente(..) Certo?! Então essa coisa, esse, eu que gostaria que, se (?) esse lado, que você tá querendo que eu realmente revelei, nessa conversa, é (...) um lado muito, vamos dizer assim, muito pessoal, e, e eu (...) mas eu não me envergonho, pelo contrário, eu até, me, me honra muito dizer que eu nasci num lugar (...), eu imagino que tenha sido fantástico, né? desse ponto de vista. E minha mãe contava, nos exemplos da vida, no início da vida, em Olinda, quando eu nasci, meu inclusive foi perseguido, politicamente. Porque o que é, os políticos contrários a Agamenon quando subiam no poder então atacavam todos inclusive os outros que não tinham culpa nenhuma, entendeu? Então, meu pai tinha, quando chegou, quando eu falei a você, quando ele chegou do Rio de Janeiro, ele foi nomeado para diretor da (...) Serviço de Profilaxia Rural, que era um emprego federal e tal, e então, houve uma perseguição muito grande no tempo do (...) Epitácio Pessoa e, os parentes (...) do Epitácio Pessoa que moravam aqui em Pernambuco perseguiam tremendamente o Agamenon porque era doo, o, um adversário político. E tanto fizeram que o, é... o diretor de saúde pública no Rio, naquela época, mandou chamar meu pai pra dizer que ele tinha que sair do lugar, ele pedir demissão do lugar dele, diretor de saúde pública daqui de Pernambuco. Então meu pai foi, sem emprego, foi clinicar, né? Abriu um consultório numa farmácia. Antigamente existia muito isso, os farmacêuticos né? dava um lugar pro médico, que aliás era uma coisa muito sadia. A pessoa chegava lá, fazia uma consulta com o médico e tinha o remédio. Porque hoje em dia você vai e se consulta ao, não ao farmacêutico, ao balconista, o que é muito pior. Mas isso, e mamãe; eu me lembro que falou uma vez.

TF - Lá em Olinda?

AM - Lá em Olinda, mamãe me contou, essas coisas são muito importantes, que um dia, chegou um homem, num sábado, num domingo e pediu, falou com papai que estava sem nenhum tostão, sem nenhum dinheiro pra comprar comida pros filhos, nessa situação. Ele então meteu a mão no bolso e tirou o único dinheiro que ele tinha que era uma cédula de cinco mil réis, entregou ao homem, ficou sem nada, e mamãe disse: “Mas como é que você fica sem nada”, entendeu? Então ela, a mamãe contava isso, e isso sensibiliza muito a gente, né? A gente vê realmente um gesto desse, e toca, é (...). Foi nesse clima que eu fui criado, de, de, de, vamos dizer, de uma, é (...) solidariedade humana, a gente pode usar essa palavra realmente, certo?

TF - Sua mãe tinha que formação?

AM - Minha mãe era, foi até uma pessoa, era filha de um, senhor de engenho, que se chamava antigamente, né? Era uma época em que, quase, não existiam as usinas de açúcar, mas os engenhos de açúcar eram, eu me lembro muito, da minha infância. Eu sempre lá, eram umas estruturas melhores. Porque o dono do engenho morava lá, não tinha sequer casa aqui no Recife, na cidade, a casa era lá. Então minha mãe foi educada numa escolinha com uma professora contratada pra ela e pros filhos dos empregados. Pra você ver como o sentido já era diferente da coisa, né? As primeiras letras da minha mãe foi numa escolinha, dentro do engenho com os alunos.

Depois ela foi educada no Colégio das Damas, aqui de Recife, um colégio muito bom, e fez o curso todo. Mas ela, o lado de minha mãe foi um lado artístico, que me, mais me impressionou. Ela era uma pessoa que, tinha um gosto artístico fantástico pela, todos as coisas, ela era, música, pintura e tudo. E, foi esse lado, essa parte genética de minha mãe que saiu mais forte num dos meus irmãos, você deve ter conhecido, que foi o Aluísio Magalhães, foi uma pessoa que teve realmente uma participação muito grande, não é?

na sociedade, durante um curto período da vida, que morreu muito cedo. Ele era um, realmente um homem de um conjunto de conhecimento, uma visão artística da vida, maravilhosa. E ele também era muito humanista porque ele começou pintando, quadros, beleza de pintura os quadros dele, e depois ele foi, teve que ir embora pro Rio de Janeiro e lá começou então a desenvolver um lado do, mais coletivo da arte, daí ele ter ido pro Patrimônio Histórico, daí ele ter ido pra Secretaria de Cultura e tal, e então, numa das vezes que visitei, perguntei a ele, preocupado, porque que ele estava se esquecendo do lado que ele realmente era, que era do artista plástico. Ele então me disse: “Não se preocupe meu caro, eu acho que é muito mais importante que o artista participe do coletivo, na sociedade, foi criando e dando realmente beleza aa sociedade de um modo geral do que simplesmente, pessoalmente, fazendo um quadro”, não é? Uma coisa mais humanística dele, ele então virou-se pro lado, pra participar da arte no sentido genérico da vida, né? E foi o que ele fez, (?). Então essa coisa que o meu irmão tinha e que eu tive, e que eu também senti muito, na vida, foi, realmente, impregnada pelos dois, pelo casal. Quando meu pai foi para os Estados Unidos, e 1929, minha mãe foi, minha mãe falava francês muito bem, foi educado, inclusive, pra falar uma língua né? E ele falava inglês, mas aprendeu, não tanto quanto era necessário, né? Por exemplo, na véspera de viagem assim tal, e ela quem falava mais, pra resolver os problemas, no início, né? Falava francês. (interrupção)

Fita 3 – Lado A

AM - Você tava me falando, os primeiros sensações que eu tive foram, é, muito interessantes quando eu comecei com a, o meu primeiro colégio, a primeira aula que eu tive foi num colegozinho particular que tinha aqui no Recife chamado Colégio Pestalozzi, um nome até, não é? Tinha umas senhoras que eram realmente consideradas umas senhoras, educadoras muito boas. E, eu fiquei realmente encantado com o colégio porque logo na, no primeira, primeiras contatos, não era um jardim de infância, eu acredito, uma coisa parecida, a gente tinha os primeiros, os primeiros, aprender alfabeto através de, de objetos, né? Eu me lembro de um fato interessante, um be... um certo dia, a professora chegou, a turma toda, todos os alunos sentarem ali, ficar quietos esperando porque ia haver uma inspeção. Vinha uma professora fazer uma inspeção pra ver se o colégio estava indo bem, e, é, fazia parte dessa inspeção, era entrevistar alguns alunos, não é? E assim, saíram todos e, arranjaram um lugar pra essa professora ficar, numa sala, sem ninguém. Muito bem! Chegou a minha vez, sentei, tinha um armário grande assim, onde se guardavam algumas coisas, e ela, a professora ficou de costas pro armário, de frente pra mim, e me perguntou o que é que eu entendia por um ó, uma coisa, um objeto transparente, translúcido e opaco, como é, o que é que se entendia por isso. Eu então olhei pra professora e disse: “Por exemplo, um corpo opaco é esse armário, porque a minha professora está escondida atrás pra assistir a entrevista e a senhora não tá vendo.” Aí acabou a entrevista. Ela riu como o diabo, foi uma graça danada. Foi um exemplo assim contundente da coisa, né? Então é isso aí, eu percebia e eu sentia que era um lado que eu, eu tinha, quando era menor, garotinho, assim, um pouco saudável de, de, de encarar as coisas. Alegre, feliz e tal.

Lembro também que, e me, me, me preocupava, e me entristecia muito quando eu via uma pessoa sofrer, né? Um pobre, pedindo esmola, aquela coisa toda. E essas coisas eu sentia muito e procurava, sozinho, fazer. Me lembro que uma vez tinha lá, na rua lá de casa, isso eu já tinha uns sete anos, eu acho que talvez isso, e um dos operários se feriu,

acidentalmente e tal e a empregada foi lá, porque tava sangrando muito, e eu então saí, fui buscar mercúrio cromo e iodo, esparadrapo, aquela coisa, e gaze, e fiz o curativo, entendeu? Fiz o curativo. E, e, foi uma coisa assim, espontânea minha e foi um, um, um gesto que me deu depois muitas alegrias, porque o homem ficou assim, reconhecido, e esse homem continua trabalhando, dirigindo, negócio com calçamento na rua. E ele me tinha uma atenção, me tratava tão bem e eu comecei então a perceber, como era realmente agradável você sentir que fez alguma coisa e que a pessoa lhe deu, de volta, um afeto, um carinho. Isso foi realmente uma coisa interessante na minha vida. Então, os brinquedos, por exemplo, eu costumava dar os brinquedos aos meninos que chegavam, pobres. E uma certa vez, esse fato é realmente impressionante, eu estava no engenho do meu avô, nós íamos, no período de férias, passava lá quinze dias, era uma coisa deslumbrante, para um garoto chegar num engenho, aquela maravilha que é um engenho, de campo passear a cavalo, tomar leite, o leite da vaca, tal, e nós passeávamos muito, inclusive pelas estradas. Me lembro que eu, meu irmão e mais um tio, que eu tinha um tio que era praticamente da mesma idade, saímos, a passeio como era de costume, e, um belo, nesse passeio, um belo dia nos aproximamos de um casebrezinho, daquelas casinhas de moradores, e quando vimos um ruído estranhíssimo dentro do, do, da casa, como se fosse um, tivesse bichos dentro fazem... batendo e aí, nos aproximamos da casa fechada, e começamos a perce... ouvir, batendo na porta e descobrimos que a casa tava cheia de crianças, pobres, essas crianças e, correram e se esconderam quando nos viram, quando nos viram, e então um deles, nós, um de nós percebeu que as crianças estavam todas nuas, completamente nuas, não tinham roupas, todos, tinham uns oito ou dez, pequenos, assim, não sei, nem me lembro direito. Imediatamente nós partimos, fomos pra casa, andando, casa grande, pulamos a janela do oitão do nosso quarto, abrimos os, os gavetões, tiramos calças, blusa, o que a gente tinha e amarramos e fomos lá, e demos, e vestimos os meninos, entregamos aquela roupa aos meninos. E saímos, felicíssimos por ter feito aquilo. E ninguém soube, depois é que descobriram, porque e tal, tinha faltado roupa e aí nós tivemos que contar a história e graças a Deus todo mundo apoiou e não, e não castigou. Esse foi um gesto também que eu nunca esqueci, parece que estou vendo aquele momento, aquele quadro terrível que nós vimos, ficamos impressionadíssimos. Isso foi realmente uma coisa que norteou muito, durante todo tempo.

Durante o ginásio, eu tive um período muito difícil, que realmente, apesar de eu ter tido os primeiros, as primeiras letras, os primeiros conhecimentos num colégio muito bom, foi esse Pestalozzi, em que eu me sentia realmente muito bem, muito bem adaptado e me sentia feliz, depois houve um certa dificuldade de vida, meu pai, meus ir, novamente, saiu de um outro emprego público que ele tinha, a Faculdade de Medicina não pagava nada, e ele tinha que viver às custas da clínica particular. E ficou um pouco difícil e me tirou do colégio, lembro dessa história. Nós tivemos que sair do colégio e mãe conseguiu uma professora, uma professorinha que vinha em casa pra dar, nós passamos assim uns dois anos nessa história. Isso foi muito prejudicial, é, nós perdemos muito. Um dia de repente meu pai chegou e disse: “Vocês tão matriculados no colégio”, pelo menos os dois mais velhos, os dois menores não precisavam.

TF - Eram quantos?

AM - Quatro. Quatro homens. E foi o colégio realmente fantástico, Colégio Padre Félix, Padre Félix Barreto, um grande educador, um grande homem, sobre todos os aspectos. Ele era, um sacerdote e tinha, é, eu não sei como conseguiu esse colégio e, formou muita gente, muita gente boa, conhecida, e era um grande homem, porque ele muitas

vezes rapazes que vinham do interior e que não podiam pagar o colégio, ficavam no colégio, internos, recebendo casa, comida e, trabalhando como sensor. Eles eram rapazes mais velhos então eles faziam o trabalho de tomar conta dos alunos, serviço de sensor, secretaria, ajudava, né? Isso eu me lembro muito. Gente muito importante que, depois, foi desse grupo que lá esteve. Pois bem, no co... no Ginásio do Recife então quando nós entramos, subitamente, meu pai nos matriculou pra fazer o curso de admissão, pra entrar, o exame de admissão, naquela época o exame de admissão era um exame pesado, difícil. Nós não tínhamos realmente condição de estar lá. Foi preciso um trabalho enorme de estudo, de estudo pra conseguirmos dentro de um ano, no período de um ano, recuperar o, o curso primário, praticamente.

Mas, fizemos e passamos, eu e meu irmão. E daí por diante nós tomamos um, é... muito gosto por causa da qualidade dos professores. Se eu disser a você o elenco de professores que eram os nossos professores você não imagina. Por exemplo, o professor de História foi um indivíduo que se tornou, realmente, praticamente, internacionalmente conhecido, foi o Álvaro Lins, famoso Álvaro Lins que foi um grande sociólogo, historiador, escreveu um livro formidável, e foi depois embaixador na, Portugal, lembra-se, Portugal. Álvaro Lins foi o meu professor de História. Então aquele Álvaro Lins entrava pra da as aulas de História, História da Civilização, os alunos, nós todos ficávamos como se estivéssemos assistindo um filme, uma novela de televisão, hoje, nós ficávamos inteiramente concentrados no que ele dizia, vivendo aquela coisa tal era a maneira como ele falava, não é? Ele era um contador de história belíssimo. Tanto que as vezes, brincando, alguém lá inventou uma história de dizer, quando ele terminava a aula, dizia: “Volte na próxima semana”, porque, por causa dos filmes, seriado de cinema, filmes formidáveis. Quer dizer, comparando aí a o professor de Geografia foi, Dácimo (?) Rabelo, um homem formidável também, grande professor. O professor de Português foi Nilo Pereira. Imagine só! E Nilo Pereira, no primeiro ano ginásial, adotou, no nosso curso, “Os Lusíadas” de Camões. E nós analisamos, análise lógica, “Os Lusíadas” de Camões. Tanto que muitos, em muitos anos eu sabia muitas estrofes dos Lusíadas. E, independente disso, na parte de, de Literatura e, Portuguesa, Literatura Francesa, tudo isso, é a dado de uma maneira impressionante pelo, pelo, pelo Nilo Pereira. E eu me lembro que, e eu me entusiasmava muito pelas aulas do Nilo Pereira, e ele, naturalmente sentia essas coisas, ficava sempre na primeira sala e ouvia. Um belo dia, ele, muito entusiasmado disse: “Este poema é o poema mais bonito da humanidade, da literatura universal”, eu então, me levantei e disse: “Professor, o senhor disse isso a semana passada, com outro poema.”. Ele deu uma risada enorme porque realmente, era uma coisa muito interessante isso. E ficou meu amigo depois disso, ficou me destacando muito e fomos amigos até o fim da vida dele. Era um homem realmente genial. Então, esse curso de humanidades, chamado curso ginásial, do Ginásio do Recife foi fundamental.

AT - O Ginásio do Recife era o Colégio Padre Félix.

AM - Era o Colégio Padre Félix.

AT - Depois se transformou em Colégio Padre Félix.

AM - Depois se transformou em Colégio Padre Félix.

AT - Inicialmente chamado Ginásio do Recife.

AM - Ginásio do Recife. Depois da morte do padre Félix chamaram Colégio Padre Félix. o, o curso que eu tive no colégio, o Valdemar do Oliveira era o professor de Biologia, Ciências Naturais, que era um... Quando eu saí do, Ginásio do Recife em 1939, meu pai me matriculou imediatamente num outro colégio que tinha o curso colegial. Nessa época você tinha que fazer três anos do chamado, é, é curso colegial para entrar numa universidade, não é? Não saía direto do ginásio pra universidade. Então, quando eu cheguei no colégio, no curso colegial, vários professores do, do curso, do pré-médico, eram, do pré-médico, eram professores que tinham sido do, do Ginásio do Recife. O Valdemar de Oliveira, por exemplo, todo mundo lá, do curso colegial, dizia: “Ah, professor Valdemar de Oliveira é muito difícil, é um homem, não é? é um curso muito puxado, muito pesado.” Realmente ele dava uma aula maravilhosa. Mas eu já tinha sido aluno dele no Ginásio, de modo que já ia preparado, né? E, então foi ótimo esse curso, o curso colegial também foi muito bom, de tal maneira que muitas vezes, eu me lembro que, questões de parasitologia, do 3 ano médico, de classificação de mosquitos, de insetos, essa coisa todinha, eu me valia de conhecimentos que eu já tinha tido no curso anterior. Você veja como é formidável essa seqüência de um bom curso, né? Então esse curso de humanidades foi muito bom, o curso colegial foi muito bom. E a univer ... e a Faculdade de Medicina também foi, a não ser pelo simples fato de eu ter sido convocado pelas Forças Armadas, pelo Exército Brasileiro durante a guerra, [19]43, 44.

AT - Já tava na Escola de Medicina.

AM -Tava no segundo ano. Não só eu como vários colegas meus. Estudantes de medicina foram tirados dos bancos da faculdade para ir compor a, as forças da pátria.

TF - Ficou no Brasil ou chegou ir?

AM - Nós ficamos, nós ficamos no Brasil, não chegamos a ir. Mas, nós fomos preparados pra ir. Nós fomos pra companhia de guarda, fizemos lá um curso e, ficamos prontos, quando nós estávamos prontos pra ir, fazer parte de um contingente, foi quando a guerra praticamente acabou. Houve uma parada e aí nós não fomos. mas eu tive um período difícil que consegui estudar. Nós estudávamos de noite, com os livros, e havia um período em que, (?) antes de chegar as provas parciais, havia provas parciais, o pessoal liberava, e nós íamos pra casa estudar pra fazer as provas. E muitas vezes, e depois disso eu consegui passar paraser transferido para o hospital. Aí foi muito melhor, eu pude realmente dar até uma colaboração melhor e, aí eu tinha um expediente comum, quer dizer, saía de casa às cinco e meia da manhã e voltava às cinco e meia da tarde. De noite eu ía então pra casa de um colega ver exatamente as chamadas apostilhas, que eram as cópias que se fazia muito naquela (...) era muito comum que um dos alunos copiava, tinha facilidade de escrever rapidamente, depois mimeografava, batia a máquina, distribuía pra turma as aulas. De modo que aquilo ali era mesmo que assistir às aulas, né? Eu li de noite, e aquela coisa, eu consegui realmente passar, até que foram três anos, 2º e 3º anos, sobretudo o 2º e 3º anos, foram feitos assim, e eu consegui passar.

TF - O senhor não precisou fazer exames na faculdade?

AM - Não, eu fazia na faculdade. Na hora da prova parcial nós éramos.

TF - O senhor não fazia as cadeiras?

AM - Não assistia às aulas. Só depois do terceiro ano. Quer dizer, eu assis ... estudava com as apostilhas, foi a salvação. E depois recuperei tudo. Mas o, a formação média, ela tem muitos aspectos interessantes, não é? Porque, é uma, uma área do conhecimento humano que, talvez uma das, fosse uma das ciências mais importantes, porque é a ciência da vida, nenhuma ciência é tão importante, nenhuma ciência fez tanto pela humanidade, como a Biologia. A Biologia é uma coisa considerada como a maior ciência. Bom, então,(...) no início da minha, da minha vida de formando eu tive um episódio muito interessante quando meu pai me colocou no próprio Departamento, desconfiou e descobriu que eu andava de, com muita amizade com um grande cirurgião que tinha aqui em Recife, pessoa formidável, Joaquim Cavalcanti, rapaz jovem, foi o primeiro cirurgião de tórax, naquela época a tuberculose era uma doença (?), e ele então iniciou a cirurgia torácica, e eu comecei a freqüentar e acompanhá-lo. E meu pai sentiu que eu estava começando a tender para a cirurgia, né? eu estava já com a cabeça meia formada. De modo que um belo dia ele me chamou e disse: “Olhe, nós vamos, você vá lá, depois das aulas, pro Departamento de Anatomia Patológica, o Serviço de Verificação de Óbitos, que eu quero que você faça lá um trabalho e tal.” Existia nesse tempo uma verba, como eu já tinha falado, que o Departamento de Saúde Pública dava pra gratificar o pessoal que fazia autópsia, né? E então eu fiquei, eu entrei pra já, pra ser um auxiliar técnico com os cadáveres, vendo realmente, aquilo que era realmente fantástico em medicina, que é você descobrir a doença, entender a doença nos seus íntimos detalhes. Essa formação foi muito interessante. Mas, meu pai faleceu dois anos depois, morreu, me formei em 47, ele morreu em 49, e, ele não fazia como, ele era professor de Anatomia Patológica, mas ele clinicava, porque no início da vida era muito difícil, tinha que ter uma, um suporte econômico, então ele tinha um bom consultório e ele era um bom clínico. E ele então me chamou e mandou que eu é, preparasse um, preparou uma divisão no consultório dele para que eu trabalhasse ali, ao lado. Mas foi pouco tempo, com ele veio a falecer, eu me, antes de falecer, quando ele saiu realmente pra fazer um descanso, uma, mas ele sabia que realmente não tinha solução, ele me chamou e me entregou assim, de uma maneira muito simples, mas muito cheia de ensinamentos, não é? O que é que eu devia fazer, os segredos que ele tinha com a clínica, como é que ele fazia e tal, e terminou me dizendo o seguinte: “Faça o bem e não olhe a quem. Faça o bem, e não olhe a quem.” Então eu fiquei com aquela, imaginação, aquela coisa. Depois da morte dele realmente eu fui é (...) (...) muito visitado lá no, no consultório dele, por pessoas que iam lá me cumprimentar e dizer que ia ali em vista de um grande dever de gratidão que tinham pelo, pelo, pelo velho e precisava então me dizer isso. Muitos deles, um deles inclusive me disse que quis conseguido estudar medicina, por causa dele, porque a escola era paga e um belo dia ele me contou isso. Ele estava sentado assim num batente da escola, triste porque não entrou pra fazer prova porque se não tivesse, mostrasse o recibo, não entrava. Então, meu pai era diretor nessa época, diz ele que meu pai passou por ele, nem viu, foi pra lá, de repente veio o secretário, mandou o secretário saber que, que aquele garoto, porque é que estava ali, aí o menino explicou. O secretário voltou, contou a história a ele, e ele abriu a carteira mandou pagar, na tesouraria e mandou o recibo pro menino, o menino me contou essa história, e, depois disso o menino foi lá no consultório falar com ele, e agradeceu e, ficou muito, que o pai tinha sofrido um problema na, na lavoura né? e não tinha dinheiro.

Então, esses fatos são fatos que a gente, depois já senti, vi muito isso. Então comecei eu a trabalhar no Serviço de Verificação de Óbito e à tardinha eu ia lá pro consultório fazer

um pouco de clínica, que era muito interessante. Um belo dia o rapazinho que trabalhava na re ... na portaria, recebia o dinheiro, pagava, fazia aquelas coisas de secretário lá, secretário dele, me chamou e disse: Olhe, tem aí uma, uma velhinha, com filho, ela queria que o senhor atendesse, que ela tá muito doente e tal, pretinha e tal” e eu disse: “Pode entrar.” Mandou, mandei ela entrar, me lembro muito bem, era inclusive baixinha e o, o menino, e então eu examinei, e vi o que ela tinha, peguei um remédio, naquela época a gente recebia as amostras, grátis, e mediquei e esqueci. Anos depois, numa época de eleição, eu tive que ir nas pressas na, no Palácio da Justiça ali na rua do Imperador, buscar no cartório meu título de eleitor, (...) lá chegando encontrei uma fila enorme na calçada pra ser atendido, um por um, receber o título. Momentos depois que eu estava na fila eu vi, me virei, um pretinho me puxou pelo braço e disse: “Doutor Ageu, o que é que o senhor está fazendo aqui.” Eu disse, contei que estava esperando, “Venha cá”, me puxou pela mão, me conduziu pelo oitão, entrei por trás do cartório e disse: “Dê o título do Dr. Ageu que ele tem que”, aí, nessa altura eu já estava perplexo, esse pretinho era simplesmente o servente, servente do cartório, ele então me disse: “O senhor não está lembrado que eu fui no seu consultório - me contou a história - com minha mãe? Ela ficou bom doutor.” Quer dizer, eu fiquei, nesse dia, realmente, impressionado. Como é que a gente, é reconhecida, como as pessoas guardam, eu não me lembrava mais, nem quando eu vi o garotinho me lembrava que era ele. Isso me, me marcou, e me deu muitas, muita força porque, são fenômenos que ocorreram e que não é que a pessoa se envaideça, de maneira nenhuma, mas que a pessoa se fortifique, a pessoa se anima a, a atuar dessa maneira, a ajudar e fazer essas coisas. Isso foi um lado que eu sempre tive, nunca me perdi, graças a Deus, continuo da mesma maneira (...). Num, não se deve nem falar nessas coisas porque são coisas que a gente fez pra não falar, né? Só estou citando porque vocês tão perguntando e, realmente é um lado que me, me toca muito, esse lado humano de ajudar e tal. Durante a minha vida, de profissional.

TF - Durante a faculdade, o senhor não gostaria de passar pra sua vida profissional. O que é que o senhor poderia nos dar como uma coisa marcante na universidade, os colegas de universidade, os professores que de certa forma, além de seu pai, lhe serviram de orientadores ...

AM - Bom, eu tive sempre um relacionamento muito bom com os meus colegas, muito bom, muito mesmo. A turma, a minha turma era uma turma excelente. Várias pessoas ficaram notáveis aqui no Recife, muitas já morreram, pertenceram, essa turma, essa turma de, 1947, tanto que agora mesmo, ano passado, 17 de dezembro, nós tivemos um encontro comemorando os 48 anos, aniversário, aniversário de formatura e, grande parte dos colegas estava lá, e foi uma confraternização muito agradável, muito agradável. Mas, os colegas eram muito bons, eu era, sempre muito amigo de todos e, não me lembro assim de uma coisa especial não, né? Me lembro de, (...) uma, uma amizade muito grande, fraternal, que nos unia, nossa turma era muito unida, muito unida e eu participava muito, mas nunca quis ser líder. Eu procurava sempre me manter(...) mais, ou menos evidente, menos evidente, nunca quis ser representante de turma, nunca quis ser do diretório, nada dessa parte, inclusive, isso foi-me dito de maneira indireta pelo Régio, ele as vezes dizia, quando eu me animava com uma coisa ele dizia: “Não entre, fuja à evidência, fuja à evidência, a evidência não é boa, não é uma coisa boa pra pessoa.” E eu, entendi que realmente o indivíduo na evidência ele não só pode se perturbar muito, não é? com a vaidade de tá naquele, naquele cargo, naquele, como também ele é alvo, às vezes, de perseguição, de inveja, de modo que se ele está, na

sombra, se ele está sempre trabalhando, sem ser evidente, ele pode viver uma vida melhor. E foi, realmente, um dos ensinamentos que eu procurei muito, não ser, não procurar ser, vamos dizer assim, uma pessoa é... vaidosa e tal. Eu sinto isso e eu tenho realmente, uma das coisas que eu guardo com maior satisfação na minha vida foi o relacionamento que eu tive, sobretudo durante o tempo que eu passei como diretor do Centro de Pesquisas Ageu Magalhães. Eu acho que, o relacionamento que eu tive com os funcionários de lá, desde os serventes, os motoristas, todo o pessoal, foi o melhor possível, pelo menos é o que eu sinto que parte deles pra mim, não é? Do afeto, carinho que eles têm por mim, justamente por isso, porque eu aprendi com meu pai a tratar os humildes melhor do que tratar os indivíduos que são, vamos dizer assim, mais importantes. Sempre tratei as pessoas humildes melhor que trataria um indivíduo importante. Eu acho que isso é uma das coisas mais maravilhosas que você pode fazer pra uma pessoa mais simples, é dar a ele uma atenção especial. Eu sempre fiz isso com meus empregados todos, com todas as pessoas do Ageu Magalhães, eles me, me adoram, eu sinto isso, e eu adoro eles também. De modo que tenho a satisfação de dizer isso porque, isso me faz muito bem, permanecer dessa maneira, sob o ponto de vista de, da vida. Mas como, eu dizia a você já anteriormente, a perspectiva que me norteou, no sentido de realizar pesquisa, foi também ditada pelo meu pai. Certa vez, ele usava assim frases soltas, de repente ele, soltava, falando, conversando assim com uma outra pessoa, sobre medicina e tal, ele disse: “Nada tem importância, e, ciência, maior do que pesquisa. A pesquisa, a investigação científica está acima de tudo”, disse essa frase, né? E realmente, você analisando bem, cabe ao pesquisador um papel decisivo pra evolução da ciência. Só é pesquisando você consegue avançar, você consegue caminhar, não é? É o estudo experimental, trabalho de pesquisa, importante. Depois disso o (...) eu me, resolvi então depois da morte dele, resolvi entrar em pesquisa. Eu estava já realmente muito impressionado pelos trabalhos do Bezerra Coutinho, do Raimundo Barros Coelho, de seus assistentes, dele próprio, mas investigações que eles fizeram, mostrando realmente aspectos, belíssimos, interessantíssimos das doenças, e resolvi partir pra estudar a esquistossomose, sobretudo o problema do fígado na esquistossomose. E esse trabalho foi o que me deu justamente a motivação pra fazer a tese pra professor livre docente, um trabalho de pesquisa, de investigação que me levou a fazer isso. E depois disso eu procurava realmente investigar. Todas as minhas linhas de trabalho, eu não, não sou uma pessoa que tem. (interrupção)

Fita 3 – Lado B

AM - Me fascinava assim, era o trabalho de investigação, pura! não é?(...) Pura. Depois eu descobri, lendo que existe, em nós todos, uma condição muito interessante(...) sob o ponto de vista mental, recentemente, mais recentemente, é, foi descoberto que no nosso cérebro, entre os dois hemisférios, um deles é o chamado hemisfério intuitivo e o outro analítico, isso significa muito bem que a intuição muitas vezes que uma pessoa tem maior do que outros fazem com que essa pessoa se torne um pesquisador, um artista, não é? O artista olha a natureza, vê e ele tem a intuição de realmente, intuitivamente, realizar qualquer coisa de novo ou mostrar, descobrir um fato que outros não percebiam. Nessa condição intuitiva eu tenho impressão que também, ela é passível de ser desenvolvida. À medida em que você começa a utilizar a intuição no trabalho de pesquisa como também no trabalho artístico, em qualquer área da ciência e da arte, faz com que você desenvolva o seu cérebro intuitivo(...) E lhe dá então, é uma arma

maravilhosa pra você veja a coisa e imediatamente consiga entender o fenômeno que você tá procurando. Isso foi um fato também muito interessante que me norteou muito na vida, foi esse fenômeno, é, procurar realmente curiosidade de vê o que é, o que é que aquilo poderia representar.

Outro fenômeno interessante, que norteou muito na vida, foi quan... um momento em que eu, acho que nessa altura talvez com 14, 15 anos, já pensando mes ... muito em estudar medicina, sob a influência dos, dos familiares, dos amigos, eu comecei a mexer nos biblioteca de meu pai. Aquela época, os médicos, engenheiros, advogados tinham bibliotecas em casa, ele tinha muitos livros. Qual não foi a minha surpresa (...) quando olhei e verifiquei que havia muito mais livros de literatura do que de medicina. Todos os livros, escritores famosos, (...) coleções inteiras de livros, (...) de literatura. Então eu verifiquei que ele tinha realmente uma base muito sólida, o exemplo que servia talvez a ele na vida, pra medicina, o comportamento que era esse, um forte conhecimento de filosofia, livro de Goethe, todos os livros, assim, interessantíssimos, ele tinha. E então eu comecei a mexer. Quando eu fiz 15 anos de idade eu recebi um presente, uma caixa, quando abri a caixa, era a coleção de Machado de Assis. Uns 21 volumes, se não me engano, coleção ilustrada, muito bonita e tal, encadernada, e, isso pra mim foi importantíssimo, porque quando eu comecei a ler Machado de Assis eu me tor ... eu me apaixonei pela, pelo, pelo escritor. Porque realmente eu não conheço depois de, eu tenho lido muita coisa, bonita também, uma pessoa com estilo tão marcante, tão interessante como o de Machado de Assis. É uma coisa realmente notável você ler aquele livro a história do (?) Ma, em todos você sente a mesma tônica dele, né? Você ver por exemplo, outro dia eu tava conversando com um amigo, no Rio de Janeiro, dizendo: “Quem ler, quem leu Machado de Assis e viveu no Rio de Janeiro, no século passado, fica encantado porque você sente a atmosfera do Rio de Janeiro, a beleza do Rio de Janeiro.” Como eu não sei, ela entra no livro, né? E hoje você viu, o Rio de Janeiro numa situação como essa, de tanta violência, de tanto desamor, não é? de tanto crime, tanto desajuste, você fica realmente, é, horrorizado, como é que uma cidade tão bonita, tão pura, tão romântica como era o Rio, muita romântica, se transforma, não é? num verdadeiro inferno (...). Então tudo isso, eu acredito, foi, todo esse lado que você tá vendo agora, humanístico, de humanismo que eu bebi durante a minha vida, sem saber, não é? Vivi naquele momento, fez com que tivesse eu aquela atitude que tive de, é, dois ou três anos, dois anos acho depois de inaugurar o centro de pesquisas, toda aquela realização que pra mim foi muito, muito significativa, né? de ter colocado o centro de pesquisas no lugar certo, de ter colocado um convênio do governo do Japão no lugar certo, juntos, com a visão que eu tive de projeção de futuro, que é realmente o que aconteceu, tinha que acontecer. Eu me recuei(...) deixei, me aposentei, pedi demissão do lugar, de diretor e abandonei totalmente minha vida, é, de pesquisador para entrar (...) naquela outra que eu tinha, naquele outro lado que eu tinha guardado dentro, desde a minha infância, que era o lado muito romântico e filosófico de (...) conhecer a vida sob o ponto de vista social e humano, sobretudo do lado histórico e tudo isso. Eu lembro que o Carlos Morel me perguntou: “Como é que você, depois de fazer tudo isso, você deixa isso, você não usufrui, vai usufruir.” Então eu disse: “Meu amigo, eu não fiz isso pra que eu usufruísse, eu fiz isso pra ser usufruído pelos outros”. Sempre tive essa idéia, de que devia se fazer as coisas pros outros, nunca pensei eu usufruir. De modo que eu me sinto, realmente, um, dono da coisa, não fiz isso, não pertence, pertence aos outros. Eu agora vou realmente passar para um outro amor, deixei um grande amor e vou entrar no outro amor, que é o amor da cultura literária, das letras, da literatura. E ele riu muito, entendeu muito isso e de vez em quando ele conversa comigo e tal, “como é que vamos” e tal. E aí então eu comecei a ler, realmente tive tempo pra ler. Parei de ler

medicina, não é? que eu tinha que ler demais, e fui ler um pouco de literatura. Comecei com Platão, “Os Diálogos de Platão”, aquela coisa lindíssima que tem, e depois saí, encontrei (...) fui descobrindo livros que foram interessantes. Um deles é Lechaimein de La Vite(?), Os Caminhos da Vida do, dum escritor francês, médico, biólogo, é (...) que se chama, (...) é, Joel Nossa, Nosa (...) Nossae, Nosai, Nosal, qualquer coisa assim, “Os Caminhos da Vida” realmente, são dois volumes, interessantíssimos. Ele olha e descreve todos os problemas da vida, dos desajustes, desequilíbrio social dos países, das nações, todos mostrando realmente o lado psicológico e o lado biológico. Então foi aí que eu me encontrei, quer dizer, eu sem, eu vi como é realmente, conhecendo a biologia e a vida, eu verifiquei como isso é fundamental, quando você passa a examinar o homem no seu conjunto, social. Depois eu (...) tem um livro muito interessante dos, do Seigan, o, que é o, “Os Dragões do Éden”. Não sei se vocês já leram esse livro? Ele é biólogo também, formou-se em Harvard, ele hoje é professor lá, e, ele procura estudar o cosmo, o universo, e dá um sentido muito interessante, cronológico, ao universo, em relação depois ao mundo, a vida e, no sentido geral. Depois tem o Fritjof Capra que (...) tem um livro muito importante e eu, procura estudar o, o homem, a sua personalidade no sentido de comunicação e das expressões, e do, das ações e atitudes que nós temos na vida em relação de uns com os outros e, é uma análise muito bonita e muito interessante também, ideológica (...). Tem também o Jacques Moneau, Manon (?) que estudou, tem um livro dele que, tem até um nome at... em português, ele é tradução portuguesa, é “O Acaso e a Necessidade”. Você conhece? (...) Esse livro ele muito interessante também. E mais outros que eu não me lembro assim, mas você vê, quando você pega assim um grupo, de oito, dez escritores, bem escolhido. Sobretudo, você vê, três ou quatro são biólogos, e que, de repente, passaram a se preocupar com o homem social do que com o homem próprio, e aí eu me encontrei. Nessa altura, quando eu comecei a ler, eu tive uma sensação assim agradabilíssima, que era aquilo que eu queria, encontrar e não sabia que existia e me delicieei. De modo que nesse, nessa altura, eu procurei redimensionar as minhas idéias e (...) comecei a escrever alguma coisa. Nem, sem nenhuma preocupação de publicação nem nada, simplesmente de escrever e tenho já alguma coisa escrita em relação, alguns artigos, eu faço assim, em forma de artigos, sabe? Pensamentos e idéias que nós pegamos, de um e de outro, e que vamos armando uma espécie de quebra-cabeça, não é? Pra procurar encontrar a verdade. E, então eu, tem um artigo que até eu, insistência do Prof. Geraldo Pereira, que é o diretor do Centro de Ciências da Saúde, me pedindo um belo dia, por telefone, pra eu fazer um, escrever, a, o editorial, não é? de uma, do prefácio... como é o nome? dos “Anais da Faculdade de Medicina”, editorial, parte inicial. Então eu tinha esse artigo e mandei pra ele, que o título é: A saúde do povo brasileiro, onde justamente nós, eu procurei mostrar, procurei esclarecer aquilo que me chegou realmente a conclusão, uma espécie de síntese que era, o que era que produzia a doença, porque é que o povo brasileiro não tem saúde. E evidentemente que eu cheguei num fato que é óbvio, o problema era um problema simplesmente de educação. Quer dizer, um homem, educado, ele se defende, ele simplesmente se defende da doença. Então, não há possibilidade de você conseguir uma, um estado, de saúde, uma condição de saúde do povo brasileiro razoável, enquanto você não tiver um padrão mim... mínimo de educação. Porque, é o homem que se defende das doenças. As doenças, sobretudo as doenças transmissíveis. O hábito alimentar, a higiene alimentar, a higiene corporal, os cuidados que se tem são coisas que se adquirem com a educação, e isso elimina uma quantidade enorme de doenças. E você vê, você vai num, num posto de saúde do INPS, você fica horrorizado, com a quantidade de pessoas doentes toda hora ali. Quer dizer, o, o afluxo é enorme e não há dinheiro da, da arrecadação do, do Instituto Nacional de Saúde, INPS (...) INSS, que, para que consiga resolver o problema de saúde. Por que?

Porque o número de pessoas doentes é tão grande que se torna praticamente impossível. O motivo disso é exatamente porque não há aquele lado que é o lado inapto da pessoa que é exatamente saber se defender da doença, não é? Então essa uma das, das perspectivas muito interessante, esse artigo foi muito bom, eu até mandei esse artigo pra um, amigo meu no Rio de Janeiro, jornalista, e ele fez um artigo sobre este artigo, comentando esse artigo. Eu toca-se realmente em pontos muito importante da, da vida humana, sob o ponto de vista da saúde.

Depois a violência urbana, eu me preocupei muito com o problema da violência. Você sabe que o homem tem um lado do bem e o lado do mal, não é? A natureza, Deus, Criador Universal, ao fazer o homem, isso é uma história contada e mais, que, e cada dia se torna mais verdadeira, dotou o homem do livre-arbítrio, e dotou o homem de uma inteligência racional e, um pouco de criatividade, esse pouco de criatividade que o, o Criador Universal nos deu, a sua própria semelhante, fez com que jogasse o homem na face da terra, na, no período inicial da história, na caverna, não é? E esse homem, com a sua criatividade, sua inteligência, construiu o mundo que ele construiu, em alguns milhões de anos. Então o homem deve ser considerado o artífice da criação da natureza, quer dizer o homem é, nada mais, nada menos, o continuador do Criador Universal. Criando porque você vê, não é? Criando, nós chegamos, saímos do período do nada para o, o fazendeiro, o criador e o agricultor, quando ele, pela sua inteligência, verificou que aqueles animais lhe eram mais apetitosos, ele não devia pegar aleatoriamente, mas sim selecionar e criar um cercado, aí veio o criador. Da mesma maneira com as plantas, os alimentos, fazendo as fazendas. Ao mexer na terra, pra cavar, ele encontrou coisas que lhe pareciam diferentes, quando a época do, dos metais e daí partiu, dizem os entendidos, os mais é, filósofos mais antigos, que para ele sair da caverna, da savana e chegar até o criador e fazendeiro, foram 50 milhões de anos, (?) tem-se idéia. Mas, de criador e fazendeiro para a época atual, foram cinco mil anos. Então você vê que há uma aceleração, à proporção que a inteligência do homem se desenvolve e obtém mais recursos, técnicos, científicos, mas ele ganha velocidade. E então daí, nós tivemos a era do petróleo, primeiro as fábricas, movidas a, a ca... ao calor da água, pressão, depois veio o, petróleo, depois veio a bomba atômica, o átomo, quando o homem entrou no átomo ele criou realmente uma condição completamente diferente. Ele botou abaixo a teoria de Newton e criou Einstein uma nova teoria, da massa, da aceleração. Então tudo isso fez com que nós pudéssemos pensar, concluindo, que, se você coloca numa linha ascendente, a curva ascendente do que o homem realizou, a sociabilização, pelo bem, não é? você verifica que ela é, talvez muito maior, do que o que ele fez pelo mal. Embora haja muita divergência, o (...) há um grande filósofo chamado Golbert(?), que ele diz que o homem é dotado de uma dor, peculiar, que ele chamou de angústia mental. Nenhum animal tem angústia mental, só o homem. E essa angústia mental faz do homem o pior dos torturadores, o pior que possa se fazer contra o próprio homem, mais do que tudo que é bom que ele tenha feito pelo próprio homem. Esse é o Golbert, que é aquele da era da incerteza, filósofo. Ele diz isso. Eu acho que não, eu acho que a gente deve, pensando bem, as grandes guerras, os grandes genocídios que acontecem são realmente o outro lado do que o homem tem, irracional, é o velho Adão que tá dentro de nós, que age, não é? pelospré, pelos estímulos. Mas o lado intelectual, o lado bom, esse tende realmente a crescer. Hoje nós lemos e escrevemos o código da vida, o DNA já está nas nossas mãos, é a vida, o segredo da vida. Pra onde nós vamos? não é. Então eu digo isso, muitas vezes aos meus alunos, digo isso, faço sempre palestras para ir, pra uma turma, que eu acho que o fim disso é o seguinte: o homem vai se tornar tão sábio, vai descobrir todos os segredos, e no momento que ele descobrir todos os segredos, ele

vai encontrar Deus. É o caminho. Não vejo razão pra não encontrar Deus. Será o fim dos tempos, provavelmente, mas ele vai encontrar Deus. Porque só falta isso.

AT - Pelo menos o fim da filosofia.

AM - O fim da filosofia, não é? Essa história.

AT - Prof. Ageu, é, que, que memórias o senhor guarda assim do, do Recife antigo, do Recife do bonde.

AM - Ah, sim. Deliciosa, deliciosa. O bonde, eu andei muito de bonde, quando era estudante, né? Porque em Recife, a nossa Faculdade de Medicina como eu disse não tinha hospital certo, as clínicas eram distribuídas em quatro hospitais. Hospital Pedro II tinha algumas aulas, o Hospital do Centenário, técnicas cirúrgicas, o Hospital Oswaldo Cruz, doenças parasitárias e infecciosas, o Hospital Infantil Manoel Almeida, pediatria e, o Hospital da Tamarineira dava-se psiquiatria e neurologia. Então.

AT - Ê, Ê, esses, esses hospitais, as aulas de medicina eram espalhadas?

AM - É, nós andávamos o dia todo, de um lado pro outro.

TF - E eles eram o que, eles eram vinculados a que órgão?

AM - Vinculados a serviços clínicos, a faculdade não tinha um hospital de clínicas.

TF - Mas, eles eram patrocinados por que órgãos.

AM - Não, a, Santa Casa de Misericórdia e o Departamento de Saúde do Estado, não é?

AT - Quem era da Santa Casa e que era do Departamento, do Departamento de Saúde?

AM - Bom, o, o, o Hospital Pedro II era da Santa Casa, o Hospital Santo Amaro era da Santa Casa, ambos tinham grandes clínicas lá, centro médico e tal, cardiologia...

AT - A Tamarineira também era da Santa Casa?

AM - A Tamarineira não, era do Departamento de Assistência Hospitalar.

AT - Era do Estado?

AM - Do Estado.

AT - O Centenário era do Estado.

AM - O Centenário também era do Estado, certo?! o Hospital Infantil era uma instituição beneficente, de um português chamado Manoel Almeida Alves (?), o único hospital que temos aqui em.

AT - E o Oswaldo Cruz?

AM - O Oswaldo Cruz era do Estado.

AT - Certo!

AM - Então, era uma peregrinação. Era até simpático, a gente saía de, tinha uns caminhos que as vezes a gente ia a pé, entendeu? Por exemplo, do Hospital Infantil pra Tamarineira a gente atravessava um quarteirão, dois quarteirões. E eles já colocavam os horários mais ou menos convenientes com as distâncias. Era muito bem feita a programação diária nossa né? Então nós andávamos, em grupo, andando, as vezes pegava um bonde e tal. Mas o bonde foi realmente, o bonde é uma coisa romântica, até silenciosa, o ônibus faz muito barulho, o bonde é silencioso, o ônibus faz, trepida, o bonde você ler. Você vê jornal no bonde, lê, passava a vista nos livros, durante o período que a gente andava de bonde e tal. E, é, eu acho o transporte coletivo hoje.

TF - O senhor morava ainda em Olinda?

AM - Não, não. Morava em Recife, né? Morei muito tempo em Casa Forte que é um bairro delicioso e o bonde dá muito, muita conveniência, não é? Você convive, faz amizades no bonde, com aquelas pessoas que normalmente andam naquelas mesmas horas. É muito interessante. E eu, e eu andei muito de bonde, muito me lembro, ia com os colegas também, inclusive do Derby, o bairro do Derby, onde está a nossa esco... Faculdade de Medicina, era servido por um bondinho, chamado bonde do Derby, que tinha escrito lá em cima, esse bonde do Derby, eu me lembro que eu, nós apanhávamos cada, em vários lugares, eles passava e depois terminava dando a volta lá na praça do Derby. E esse bonde era normalmente, sempre muito ocupado pelos estudantes, evidentemente iam pra o, (...) por isso mesmo era uma brincadeira nesse bonde né? Os estudantes de vez em quando faziam, coisas engraçadas e (...), parava o bonde, mudava aquele negócio do bonde, tirava o fio do fio, enfeitava o bonde com galho de mato, cantava, fazia bagunça com o bonde. Era muito interessante, E coisas, também outras pitorescas, histórias engraçadas. Eu me lembro muito bem de um, de uma história muito engraçada, tinha um professor, não quero dizer o nome, que tinha mania de usar um anelão, bem grande, um anel de (...) de grau, e ele botava, sentava, existia um banco no início do bonde, chamava-se cara dura sabe disso? era porque um era de frente pro outro, depois todos ficavam, não é? Mas aquele tinha que ser um de frente pro outro, então ele ficava ali naquele, segurando o guarda-chuva, andava sempre com um guarda-chuva, botava o an ... a mão do anel em cima do, da outra mão segurando o guarda-chuva, bem na frente assim, pra todo mundo ver. Então, um colega nosso, muito espirituoso, sentou-se em frente a ele, viu? e de repente começou a aproximar a cabeça em direção ao anel, como se estivesse sendo atraído, foi baixando, se aproximando, em direção e o velho puxava o anel pro lado e a cabeça ia também, acompanhando e foi, né? e esse professor findou levantando, do ônibus, e saiu do bonde, e saiu zangado, (?) com essa história e foi uma brincadeira danada porque todo mundo assistia e história e (...)Pequenos fatos, pequenas histórias, sobretudo pitorescas, sadias. Não havia nenhuma má fé, eram coisas mais brincadeiras assim, muito interessantes. Uma vez tocaram é (...) ficaram zangados, esse tempo eu não era ainda aluno, antes de eu ser, quando meu pai era diretor, houve um fato muito sério, os estudantes ficaram revoltados, porque o bonde atrasava, eles perdiam aula, então eles resolveram se vingar e, começaram a quebrar o pouco o bonde e tal, e aí o pessoal, alguém chamou a polícia, ficava ali no Derby e o pessoal da polícia correu, e os estudantes quando viram que eles iam ser presos, eles correram em direção à faculdade. Nessa altura meu pai chegou, e mandou que fechasse

o portão com todos que entrassem, um portão de grades, fechou-se os portões e foi pra frente esperar, o comandante da polícia. Quando o comandante chegou, ele se apresentou: “Você quer levar os estudantes, então eu vou na frente.” E o comandante bateu continência, pediu desculpas e foi embora. E os estudantes aplaudiram, lá dentro. Essa história ficou famosa, não é? Como uma atitude dele, não é? Fato interessantíssimo, eu ouvia muito contar. E assim, foi não é (...)

TF - Seus outros irmãos, alguns também foram médicos ou cada um seguiu.

AM - Não. Só eu fui, o, sou o mais velho, o segundo.

TF - Por ser o mais velho?

AM - Por ser o mais velho. O segundo é engenheiro, ainda está vivo, mora no Rio de Janeiro e, o terceiro era arquiteto, faleceu, era realmente um. O Aluísio era o quarto, o mais moço. O arquiteto foi o Paulo, Paulo Magalhães, estudou, foi pro Rio de Janeiro estudar arquitetura porque não havia escola de arquitetura aqui, e ele era realmente um artista também. Os dois mais jovens puxaram muito a minha mãe na, no lado artístico, era um desenhista e tal, mas era um boêmio. O Paulo tocava violão, cantava, pessoa, figura interessante, muito, muito culto, lia muito, tinha uma cultura formidável. E o Paulo, foi pra Brasília com Oscar Niemeyer. Oscar Niemeyer levou o Paulo na equipe, e sempre destacava muito ele, e ele trabalhou muito em Brasília, na equipe com o Oscar Niemeyer.

AT - Aluísio também trabalhou com o Oscar Niemeyer? não?

AM - Não. Aluísio não, porque Aluísio estudou Direito, Aluísio, como Aluísio era mais um artista plástico, no início, meu pai se preocupou muito que ele se tornasse um, realmente um pintor de quadro.

AT - Ele fez Diplomacia, não?

AM - Tentou, mas não, não conseguiu. Mas aí então, então ele fez Direito. Matriculou-se na Faculdade de Direito e foi muito bom, ele (?) estudar Direito. Ele inclusive teve muita sorte, foi colega, pegou uma turma muito boa, o Ariano Suassuna, o (...) é, tem vários inclusive eu acho que o Brennan, Francisco Brennan, era muito amigo dele, que é um grande, artista né? Eu sei que a turma dele foi uma turma muito boa. E ele, o curso de Direito, pra Aluísio, eu, eu sempre pensei nisso, e tive muitas vezes, tive ocasiões de conversar isso com ele, foi importantíssimo para a condição de artista. Porque muitas vezes o artista é uma pessoa que se define tanto pra arte e que não procura, vamos dizer, um, um maior conhecimento cultural, no sentido geral, não é? Ele lega-se mais àquela parte artística e tornou-se um, um artista, plástico. Mas Aluísio não, Aluísio teve um lado cultural muito bom, geral. E isso fez com que ele se projetasse na parte artística no sentido, vamos dizer, também, social, né? político, como ele fez. Quer dizer, realmente definiu completamente a situação é, cultural do Brasil, ele criou a, a, a Pró-Memória, ele organizou completamente o Patrimônio Histórico e Artístico, que era uma coisa horrível. Ele mesmo disse que quando entrou lá dava a impressão que estava entrando numa casa funerária, eu ria muito dessa história, eu ria muito dessa história. Ele, agitou aquilo tudo, simplificou. Ele me contou fatos formidáveis, ele me disse que, eu tenho, muita coisa dele gravada, ele me disse que... um dia estava em Ouro Preto

visitando uma reforma de uma daquelas cas... igrejas, de repente entrou uma velhinha e, insistentemente, procurou falar com ele e queria que ele fosse na casa dela, e, ele então: “Mas minha velha, como é que eu vou na sua casa, você.” “Não, não. Eu preciso que o senhor vá na minha casa.” Ele então achou aquela coisa curiosa, aquela insistência, e foi! Quando chegou lá, a velha abriu um baú e mostrou a ele uns livros, uns cadernos. Quando ele abriu, eram os cadernos de caligrafia do imperador D. Pedro, quando menino. Mas aí é que é interessante, quando ele leu o que estava escrito nas caligrafias, na caligrafia para ser copiado pelo imperador, não era. (int).

Fita 4 – Lado A

AM - Caligrafia, que leu, ele verificou uma coisa importantíssima, é o conteúdo do que estava escrito ali, ao fazer a caligrafia, o menino, a criança já ia.

AT - Normas de comportamento?

AM - As normas de comportamento (...). O que é certo e o que é errado, o que é bom e o que não é. Então ele ficou muito motivado por isso, e me contava muito isso. Mesmo depois, quando ele, antes dele, falecer, ele estava já muito cotado, vamos dizer assim, politicamente, eu sabia disso, pra ser o substituto do Ministro da Educação, que foi aquele general, não sei se você lembra, o nome dele, no momento não me lembro o nome dele agora, foi um general que foi muito (...) foi ministro, que foi realmente um grande ministro esse.

AT - Foi ministro da Educação de, do governo Geisel?

AM - Foi.

AT - Foi naquela época do Geisel?

AM - Foi na época de Geisel, de Figueiredo se não me engano, na época de Figueiredo eu acho.

AT - Figueiredo teve inicialmente o Portela, Eduardo Portela.

AM - Sim, Portela foi muito amigo de Aluísio, ajudou muito ele.

AT - E depois Portela saiu.

AM - Entrou então o, o, ele até morreu esse, esse, esse general, ele é uma pessoa interessantíssima, muito interessante, e Aluísio ficou muito amigo dele, e ele me disse, inclusive, e Aluísio me disse que estava mandando pra ele documentações pra que ele começasse assim, familiarizar sobre aspectos da educação no Brasil. Porque o general precisava sair do posto de (...) civil. porque tinha que voltar pra completar seu tempo e (...)

AT - Reformar.

AM - E o candidato era o secretário da Cultura, que era ele, a ocupar. Então ele já estava recebendo documentos, (?). E depois no, no enterramento de Aluísio aqui, lá no (...) ele conversando comigo, me disse que ia se ausentar, Aluísio no (...) faleceu no dia 20, pouco, 22, acho que, de junho, e ele saía logo em agosto, início de agosto ele teria que sair, já estava programado que ele sair, e ele me disse: “Aluísio ia (...) era o meu candidato.” Ele reformou muita coisa, fez muita coisa, tem muita coisa interessante da vida de Aluísio, e eu acompanhei muito de perto tudo isso sabe? E ele também a minha vida, né? Eu levei o Aluísio na Fundação Oswaldo Cruz, eu já era diretor aqui, pra gente fazer uma palestra a convite do, do presidente Vilarde e ele fez uma palestra interessantíssima lá, de improviso! (...) E, foi ele quem tombou o (...) Manguinhos, não, só o edifício, mas tombou todo o campo.

AT - Toda a área.

AM - Toda a área de Manguinhos, todo patrimônio, a pedido do presidente. Nesse dia o presidente formou, formulou um pedido oficial pra que fosse realmente tombado aquilo, pra preservar-se aquilo, e Aluísio foi quem fez, imediatamente fez o ato, foi sancionado.

AT - Mas vamos voltar ao Recife. É, esse, essa, essa (?) que o senhor contou, do ensino na Medicina, quer dizer, que vocês tinham aula, em vários hospitais.

AM - Em vários hospitais, itinerantes, itinerantes.

AT - Isso, isso durou até quando? O senhor tem idéia?

AM - Olhe, isso tem (?). Eu me formei em 1947, acho que até eu me formar, até 1950, por aí. Isso só veio melhorar, essa situação só foi realmente modificada quando, é (...) um outro diretor, eu não me lembro se foi o, acho que foi o Antônio Figueira, em 53 por aí, é (...) ele resolveu fazer um acordo com a Santa Casa de Misericórdia e alugar o Hospital Pedro II, você conhece, é um hospital fantástico, né? E, alugou o hospital, (...) pagava aluguel, e, é, desenvol... fizeram uma reforma completa no hospi... no edifício, nas instalações. Equiparam tudo e centralizaram ali o hospital de clínica. Só ficou fora do Pedro II realmente um se, um serviço de Santo Amaro, a Pediatria foi pra lá, foi quando Fernando Figueira, assumiu e constituiu o IMIPE, tá? Instituto de Medicina Infantil, ali ao lado, não é? A parte de ginecologia-obstetrícia foi para uma maternidade, foi construída uma pequena maternidade, que hoje chama-se Maternidade Oscar Coutinho, ainda pelo (?) Oscar Coutinho. De modo que contradi ... o Departamento de Anatomia Patológica, que era no Derby, como eu falei naquele, mudou-se, e eles construíram um, um pequeno edifício, nos fundos, porque tinha um terreno grande, eles foram construindo ali atrás. Construíram um pequeno edifício e onde foi localizado o Departamento de Anatomia Patológica. Isso foi, realmente nessa época e, essa, essa (...) esse grande passo que a Faculdade de Medicina tomou foi maravilhoso, porque nós tivemos pela primeira vez, realmente, a convivência de todas as clínicas e da patologia né? Da radiologia, da patologia, dos laboratórios, todos trabalhando praticamente dentro do mesmo teto. Então houve uma, realmente uma reorganização, e eu participei muito disso já como professor é (...) nas aulas, eu me lembro que as aulas eram, em cadáveres, de autópsias, falecidos nas enfermarias, que vinham com uma história clínica muito boa, muito bem coordenada e nós líamos a história clínica, verificávamos o que tinha acontecido e íamos então abrir o cadáver e descobrindo o que estava certo, o que estava errado. Quer dizer, fazendo a relação com o inter-relacionamento, a interligação entre a

sintomatologia clínica e a patologia, e a lesão! Então, isso foi feito, inclusive eram umas aulas que eu gostava muito de dar, os alunos, a gente dividia os alunos em grupo, pequenos grupos, e eram feitas as. Isso foi um período magnífico da.

AT - Agora mudando um pouco, é, o cinema, teve alguma influência na sua formação?

AM - Não muito, sabe? Eu gostava muito de cinema como todo mundo gosta e tal, mas.

AT - Não foi uma coisa marcante.

AM - Não, talvez, leitura.

AT - E outra coisa, e a boêmia?

AM - Bom, a boêmia numa fase, na fase mais, já no fim. Porque quando me, garoto, estudante, a gente não tinha muita condição no início. Meu pai também, teve uma coisa, ele me ensinou (...) muito rigidamente. Quer dizer, eu me lembro que quando eu completei dezoito anos, 17, 18 anos, eu tive licença de sair de noite, num sábado à noite, pra ir ao cinema, primeira sessão do cinema e tal, voltava às nove e meia pra casa. Ele teve muito cuidado nessa parte de (...) entendeu? E, Mas, na, depois, quando eu já era médico, eu passei, fui, me tornei em 47, com 23 anos e me casei em 53, em 51 (...) 46, 47, 48, 49, 50 em quatro ou cinco anos já formado em Medicina, quer dizer, me preparando, pra depois resolver dar o grande passo do casamento. Nesse período realmente eu tinha já, condição econômica de poder me divertir, passar e tal, E aí eu, realmente fui um pouco boêmio sabe? Gostei muito das noitadas, das brincadeiras.

AT - Que eram no Recife.

AM - Que era no Recife.

AT - No bairro do Recife.

AM - No bairro do Recife(...) É muito interessante que se diga o seguinte, a, ao contrário que muita gente pensa, aquele sistema, que era um sistema internacional, Paris, nas grandes cidades, existia toda aquela... os cabarés, não é? aqui no Recife tinha também e tal, aquelas casas, eles tinham aquelas moças, existia um respeito(...) era impressionante, um respeito, com as pessoas. Quer dizer, elas eram pessoas tratadas com muito, com muita atenção e eram pessoas boas, não eram pessoas assim, como se diz, mal caráter, não! Eram pessoas que, geralmente acontecia, eu me lembro que eu me impressionava muito, tinha sempre uma história que elas contavam, de ter sido é, vamos dizer, desvirginada pelo noivo e a família enjeitava-as, então elas corriam, saíam de casa e vinham, do interior muitas vezes, e aí entravam nesse negócio. Mas pessoas muito boas, muito boas. Tanto que, durante a guerra, inclusive durante a guerra eu, eu (...) ainda peguei muito no fim da guerra já, essa coisa, os americanos montaram aqui duas bases, uma em Natal, outra em Recife, e a quantidade de marujos que chegavam aqui no Recife era uma coisa enorme, milhares, a passa três, quatro dias, depois iam embora. Então eles gastavam dinheiro como o diabo e entravam numa verdadeira orgia. Isso atraía, para a cidade, uma quantidade enorme de moças que vinham procurar a vida, melhorar de vida e também, bares, restaurantes e boates, foi, era uma coisa fantástica o Recife naquela época. E, e eu me lembro muito bem que vários deles casaram com essas

meninas e levaram essas meninas, conheci me, algumas que eu conheci foram, foram embora, casaram, foram embora pra lá, pros Estados Unidos. Foi um episódio interessante esse, inclusive eles eram, já nessa época, os americanos já estavam mais, ingleses também vinham, eram pessoas que já estavam num, num, vamos dizer, numa etapa social mais avançada do que nós aqui no Brasil, não é? Eu me lembro que, eu notei isso, porque quando eu fui pros Estados Unidos a primeira vez, em 1953, com a bolsa de estudos que eu falei, na (...) Universidade de Washington, ficava em Saint Louis, Missouri, no centro dos Estados Unidos, o que diga-se de passagem, é realmente uma beleza, você convive com o midwest americano, com aquelas cidades, Ohio, entendeu? e Missouri, tudo isso no, é, Mississipi, toda aquela área, você vê uma vida completamente diferente daquela que você pensa que existe lá nos Estados Unidos, até hoje ainda é. Nova York e tal, Hollywood, Estados Unidos. Estados Unidos é uma vida pacata, uma vida séria, uma vida simples, uma vida muito boa. E eu vivi isso muito lá. Mas, tive uma forte influência quando eu percebi, no próprio Departamento de Patologia, que as três pessoas principais, depois do professor titular, eram do sexo feminino, três professoras, eram três senhoras, inclusive solteiras. E, elas tinham uma vida formidável, eram altamente respeitadas, lá nas aulas, e elas, muitas vezes, nos convidavam, uma vez por outra, pra ir na, uma tinha uma casa de campo, muito simpática, a outra tinha um apartamento, e eu ia, eu estava com minha esposa, nós íamos pra lá, pra churrasco né? Sun Barbecue, como eles chamam, e achava aquilo uma coisa formidável. Uma mulher sozinha, independente, tinha seu carro, tinha sua casa, autônoma? E percebi pela primeira vez, que naquela época não existia isso no Brasil, que a mulher estava, tinha adquirido lá um grau independência e de autonomia formidável na sociedade, não é? E muito bem respeitada.

Bom, de volta pro Brasil, eu vim, naturalmente com aquela imagem, por uma questão muito interessante da vida, (...) começaram nascer meus filhos e eu só tive um filho homem, cinco mulheres, não é?

TF - Foi o último, o homem foi o último?

AM - O homem foi o penúltimo. Então eu eduquei minhas filhas como se tivesse lá. Então dizia, na hora da, do jan ... as refeições as meninas me adoram por essa daí, eu conversava muito com elas né? Eu acho que as refeições é uma hora de, do encontro da família. É a hora que a gente tem melhor. E então eu dizia: “O que é que você vai ser?, pra elas”. O que é que você vai ser (?) ?. Você vai ser médica, você vai advogada, o que é que você vai ser na vida.” Então não tinha dúvida nenhuma que elas tinham que ser alguma coisa, além de ser uma mulher, uma dona de casa né? E as vezes eu, me preocupava tanto com esse fato de que elas tivessem uma independência, é mental e independência econômica. Porque se uma mulher é educada e tem realmente maior conhecimento, ela é independente mentalmente, não é? do homem. não só isso, mas também economicamente. E que eu dizia, eu criava, eu uma vez, vou contar a vocês sem graça, impressionante (...). Eu agora me lembrei. Criava muitas vezes um fato, contava então a elas que num certo momento, numa sala, estavam os diretores de uma empresa, e o contínuo chegava dizia que tinha, anunciava uma senhorita que vinha, naturalmente para apresenta-se para um emprego, de secretária, qualquer coisa assim, então abriu-se a porta, entrava, entrava uma garota, uma jovem muito bonita e que todos os diretores ficavam logo mal intencionados, essa coisa toda e tal, e ela ia embora. Aí eu dizia: “Baixa a cortina do, do, do teatro. Levanta a cortina. Repete-se a cena!” Dessa vez entra a doutora, fulana de tal que vem pra ocupar um cargo técnico, científico, de nível, não é? Aí a cena era completamente diferente, ela era bonita tudo isso, mas era,

antes de tudo, respeitada. Impressionante isso, eu senti isso lá, e isso me impressionou. Quer dizer, uma mulher, realmente, de nível educado, uma mulher que tem realmente uma posição de nível superior sobretudo, ela é respeitada. Lá pelo menos eu sentia isso. Então que me preocupava em passar esse fato pras meninas, pra que elas sentissem realmente a importância, na realidade por trás disso estava a independência, como eu estou dizendo a você, intelectual e econômica.

AT - Ô, Dr. Ageu, é... eu percebi que o senhor é uma pessoa muito espiritual.

AM - Você acha?

AT - Não? Não é verdade não?

AM - Sim, eu acho que sim. É, eu acho que nós temos (...). Eu vou lhe contar uma história, não sei se valia a pena, mas você está mexendo comigo. Depois de ler muita coisa, depois de ter realmente me afastado um pouco da parte de ciência pura, exata, e ter entrado na filosofia, nesse sentido de procurar coordenar todos os conhecimentos do homem, universo, o que é que nós somos em relação à natureza? O que é que a natureza é em relação a nós? de onde viemos e pra onde vamos? o que é realmente o universo? e lendo e vendo o avanço científico que existe nisso tudo eu cheguei a uma conclusão(...) baseado na criatividade que Deus, o criador, deu ao homem, naturalmente, deu intencional, sabendo que é, o que é que ele queria, não é? Fazer com que o homem evoluísse, evidente, e evoluiu, e vai evoluir mais ainda, eu comecei a perceber que, esse comportamento dava sinais de que, ao contrário do que eu, eu mesmo pensava sempre, a ciência mostrava que o lado é (...) parapsicológico, vamos pensar assim, o lado religioso, o lado do dogma, não é? não tinha nada a ver com o lado científico e você tornou-se realmente um, até um pouco materialista com essa, só pode, só pode entender aquilo que é visto não é? E eu comecei a reformular as minhas idéias e verificar que estava havendo uma coisa muito séria, é que a ciência, a ciência é que estava começando a se aproximar da religião, do espiritual, vamos chamar assim, não vamos falar religião porque religião não existe, existem métodos de se procurar se aproximar do lado, vamos dizer, espiritual. Então, a ciência estava procurando mostrar isso. Claro, e por vários motivos. O primeiro foi o, a física nuclear. Eu acho que a física nuclear provou que a matéria não existe, a matéria é energia. A matéria é uma forma de energia, de concentração de forças energéticas, tremendas! de partículas chamadas, que ninguém sabe direito se são partículas mesmo, que são os, os, os, estão circulando na coroa do átomo, do centro, do núcleo, mas que dão, de acordo com a velocidade, e que o poder de coesão dessas partículas, faz com que se tornem materializadas, tenham forma física, a pedra, o, a madeira, tudo é isso, tudo é energia, isso está provado. No momento que você tocou, nesse átomo, e des... abriu esse átomo você viu uma explosão, por que? porque a força da velocidade que circulam essas partículas em torno do núcleo é milhões de vezes maior do que a velocidade da luz. Pra se ter uma idéia! Então por aí você tem idéia da força que existe, energética, ali embutida, e não é perceptível, mas ela existe. No momento em que você conseguir desmanchar, romper aquela coesão você tem uma bomba atômica, não é? Então comecei a perceber que a energia que nós temos, a nível de célula, é uma coisa pra você pensar. A nível de célula, à proporção que está se estudando o cérebro, à proporção que se est ... verificando que, que a energia do homem, o metabolismo do homem, a relação que existe entre o homem e a natureza, a relação que existe entre os animais e o homem, a inter... e complementaridade. Você sabe da história do verde e do vermelho? É uma história muito bonita, foi o Nosalvo(?),

o Joel ...Nosay (?) que explica isso. O verde da clorofila das plantas, não é? Que é uma coisa linda, o verde, inclusive é repousante, ele dá alegria, ele dá bem-estar, ao homem - é um pigmento, uma porfirina, que é a clorofila, ele serve, ele tem o poder de fixar, facilitar a fixação do carbono, liberando o oxigênio pra que aquele carbono transforme a seiva mineral em seiva orgânica, é a síntese da matéria orgânica, e se transforma em glicose, hidrocarbonatos, muito bem! No animal existe um outro pigmento, só que é vermelho, do sangue, mas muito próximo da clorofila, é uma porfirina também, que é a hemoglobina, só que a hemoglobina faz exatamente o inverso. Ela fixa o oxigênio liberado pela planta, prende o oxigênio, libera o gás carbônico pra planta e leva, como o sangue circula, até a nível da célula o oxigênio, pra que? O oxigênio pra queimar a glicose (?). É uma coisa formidável. Aí você para pensar: Realmente isso não é possível, isso é uma coisa realmente, tem que ter um sentido cósmico. Hoje se fala muito em inteligência cósmica, não é? Que é uma coisa que existe realmente, poderosíssima! e que parte do espiritual. Então eu acredito hoje, nisso: primeiro, que o homem é uma escala ascendente de evolução científica, determinada pelo criador universal, fazendo com que ele fosse o artífice da natureza, continuando o que ele fez, não é? Quando ele criou o universo, na terra, até que ele vai chegar ao ponto de desvendar todos os grandes segredos. Isso não há dúvida. E já tá perto, já tá lendo a vida, o símbolo da vida. Outra coisa é o seguinte, você lembra se, estudando um pouco a parte religiosa, você vê quando Cristo é, instituir a Eucaristia. Um dia desses eu conversei com um grande padre aí, ele ficou muito impressionado com isso, que ele consagrou uma partícula de pão e vinho, e fez com que, se comesse, se bebesse, eu tenho a impressão que ele ali, ele naquela, ele fez com que a energia depositada naquela partícula de pão fosse introduzida como forma de uma energia salutar, para compor o organismo, o corpo da pessoa, a parte material, que precisa muito da mesma maneira o sangue. Então é uma transferência de energia. Analisada por este ângulo você vê que ela tem um sentido bastante importante. Não é uma coisa que ele fez assim, põe o vinho, não! Aquilo tem um sentido mais profundo. Agora é que a gente pode entender. É uma forma dele colocar o seu, no seu organismo, no seu interior, uma partícula, um pouco de energia boa, né? Porque o que o Cristo fez foi só o bom, mas nada do que o bom. Então essas coisas precisam ser realmente vistas e encaradas. Eu acho então que a ciência tá começando a se encontrar com a religião.(...) E, você sabe, se não me engano, vocês devem, muitos grandes, muitos cientistas, grandes, do passado, no fim da vida, eles se tornaram místicos e se encontraram realmente com Deus, com, quer dizer, com o lado espiritual da vida. Eu acho isso muito bonito, eu acho isso realmente. Eu acho que o artista, o cientista, é (...) ele tem uma participação divina, devido o que ele faz, não é? Porque ele cria. O cientista tá fazendo o que? Fazendo coisas que são boas pra humanidade, ajudando aquela, aquela corrente de levar ao homem uma melhor condição de vida, no sentido bom, então, tem participação divina, não é?

AT - É uma questão mais, uma coisa que agora o senhor falando me passou, é (...) como é que é (...) é (...) é (...) como é que é a experiência pessoal, é (...) de ser caldatário de uma história familiar é (...) tanto por parte do seu irmão, como por parte do seu, do seu tio, é, e, e atualmente ainda, Agamenon e o Ageu, o pai e o tio. Como é que isso, como é que isso (...). Que significado tem isso na sua vida pessoal. Como é que, hoje olhando, como é que (...). Como é que o senhor se sente dentro desse, sabe? Tem, tem um significado diferente de uma pessoa, entendeu? o senhor tem passado, não é? Tem.

AM - É, exatamente. Isso é uma coisa difícil de explicar, mas muito natural eu acho, e muito espontâneo. É (...) você viu, você assistiu fatos, o desenrolar de duas vidas, uma

vida de um, eu acompanhei de meu pai e de meu tio, como filho mais velho, e , são exemplos, e são fatos que você acompanhou e que você viu e você assimilou aquilo. São exemplos! exemplos diários, da vida cotidiana. Então, é impossível assim, eu acho que seria muito difícil, de uma criança, criatura, que fosse, que vivesse e que convivessem com homens daquela natureza que não tenham realmente ficado inteiramente voltados para aquele tipo de ensinamento de vida. Eu posso até citar a você fatos. O meu pai era, foi o irmão mais próximo de Agamenon, os dois eram mais próximos em idade também e, intelectualmente foram os dois que se desenvolveram mais, e eu assisti.

AT - Tem quatro irmãos?

AM - Quatro, então eles dois eu assisti muitas conversas deles dois. E eles sofreram muito. Porque o Agamenon como político, naquela época, política era pior do que hoje, quer dizer, era uma coisa horrível. O, época em que o Agamenon queria sair de casa e não podia, porque tinha um, um, um camarada lá, esperando pra andar atrás, seguindo ele? Como é que eles chamam? Capanga né? Meu pai também, teve gente seguindo ele, pra onde ele ia, pra, aperrear, pra atrapalhar não é? Feita pelos políticos que estavam no poder naquela época. Eles sofreram muito! Perseguição política muito grande. E, e, eu assisti uma história muito interessante, que aconteceu. Meu avô, o Sérgio Magalhães, foi o primeiro Magalhães que veio de Serra Talhada, chegou a Recife, pela primeira vez, já no trem, foi quando apareceu o trem, para estudar Direito, estudar! nível superior. Formou-se em Direito e foi um homem ilustre, e foi inclusive juiz de todas aquelas comarcas de onde eu nasci, a sua família enorme, nove filhos, até que um dia ele estava como juiz de direito de Pedra, que Pedra de, de, de Delmiro Gouveia, cidade de Delmiro Gouveia naquela época. Delmiro Gouveia, naquela época estava já com aquela fábrica movida a água, que foi uma coisa. Delmiro Gouveia foi uma pessoa importantíssima, né? Fez coisas maravilhosas. E o Delmiro Gouveia, me parece que teve um problema de ordem assim, mais pessoal com o governador daquela época, e, não sei se essa história é realmente verdadeira, me foi contado assim, que parece que o Delmiro Gouveia casou com, fugiu com uma filha, ou uma sobrinha não sei que, do tal governador, e ele então mandou, telegrafou pro Sérgio Magalhães, pedindo pra que ele prendesse o Delmiro, era uma autoridade pra prender ele lá. E o, o, o juiz, o velho Sérgio, era muito amigo de Delmiro, chamou o Delmiro, mostrou o telegrama, e ele então.

AT - Seu avô?

AM - Meu avô. Ele então atravessou o rio, foi embora. Pra Bahia, né? Sabedor da história, o governador, imediatamente, baixou um ato pondo em disponibilidade o juiz. Você sabe? Pondo em disponibilidade o juiz, corta todas as verbas suplementares... ele vem embora, do trem, com os filhos todos pra Recife, numa situação difícil de vida né? e aqui então começou a lutar pra sobreviver, e entrou em política, como ele era um homem muito querido, do sertão, foi eleito logo, deputado federal, pelo distrito do sertão, naquela época.

AT - Isso em que ano maios ou menos?

AM - Isso na década de.

AT -De 10.

AM - 10, por aí. De 10, de 10. Porque meu pai formou-se em 1920, meu pai nesse tempo estava, era estudante. Foi na década de 10 pra 20, na década de 10. E então ele, foi o que fez ele se desenvolvesse, ele foi deputado, ele, educou a família toda aqui. Uma vez, (...) é o Agamenon ia muito lá na minha casa, na nossa casa, e sentava num terraço, que papai gostava muito de um terraço onde tinha umas plantas, ficava cada um numa cadeira conversando. E então Agamenon, fazer graça, virou-se e disse: “mas você falando sobre o negócio de Delmiro Gouveia imagine, se não tivesse acontecido aquele fato do Delmiro, nós tínhamos, meu pai tinha ficado lá, o Sérgio ficado lá, e nós não tínhamos tido a oportunidade de estudar, era muito difícil vim pra Recife?”. Aí virou-se pra papai e disse: “Você, ia ser um boticário, ia naturalmente vender remédio e tal, não tinha o que fazer.” Ele então virou-se: “E você Agamenon com grife na, um rifle nas costas, era um bandoleiro.” Ele disse, levantou, “também você, ninguém pode brincar com você, você vai logo”. Porque nessa época eles estavam num período de muita violência, quer dizer, num sentido debom porque o que ele queria era organizar Pernambuco porque ele encontrou aqui, era uma selva, né? Era uma época que, ninguém pagava imposto, agora imposto tinha, os grandes usineiros não pagavam imposto, faziam o que queria entende? E ele botou esse pessoal todo na linha, mas custou muito caro. Quando ele descobriu que tinha um grandão aqui que nunca tinha pago o imposto, da própria casa, uma mansão aí, nunca pagou imposto. O prefeito chegou: “Olhe, 24 horas, se não pagar man-mando prendê-lo.” Mando prendê-lo! Ele mandava prender mesmo. O sujeito (?) de ser preso, era a mesma coisa de você, cheg ... o, o arcebispo dizer prendê-lo. Porque eram poderosos e aí a campanha começou em cima deles. Foi o que aconteceu, Assis Chateaubriand e aquela coisa toda, quando aquilo foi, por motivos justos! É verdade que a maneira de fazer dele era um pouco violenta, mas ele fazia porque não tinha outro jeito. Era realmente uma dificuldade enorme. Então Agamenon se caracterizou como um homem, que era justo embora os meios não justificassem os fins. Mas, o sentido dele era altamente popular, democrata. Ele sempre teve do lado do povo, e ele foi eleito pelo povo, ele foi um homem que, que pela primeira vez e, pensou em BNH, quando ele criou a campanha contra os mocambos. E realmente construiu casas populares, todas as vilas, das lavadeiras, cozinheiras, (?) vilas populares (?). Fez isso, isso naquela época né? Então ele, quando ele foi deposto, depois, quando houve realmente a (...) acabou-se o Estado Novo, tudo isso, ele voltou, candidatou-se a deputado federal e da segunda vez governador, e foi eleito. (interrupção)

Fita 4 – Lado B

AM - Vargas, pra ser ministro da Justiça, já no fim daquela fase de Getúlio, quando ele foi deposto, realmente, não teve mais jeito, não é? E (...) ele largou Pernambuco, o estado de Pernambuco, e foi pra lá, a serviço da justiça. Subs... substituiu Benjamim Vargas, foi uma coisa encrencada danada e ele me disse, nessa época, eu fui ao Rio de Janeiro, pela primeira vez, aliás, na minha vida, e fui visitá-lo, a noite, no apartamento, apartamento simples, ali em Copacabana(...) e ele, sentado, conversando e entre outras coisas, me disse: “Olhe, eu mandei buscar em Recife, cinco pessoas da minha inteira confiança, para substituir todas as secretarias do ministério. Tirei todo o, os secretários e botei secretários de lá, da minha inteira confiança.” E realmente eram pessoas, eram pessoas que ele tinha inteira confiança, porque encontrou uma gang. Então você vê o

que era já no Brasil a corrupção, né? naquela época. E ele tava apavorado com a corrupção, tinha horror a corrupção.

Outra dele foi o seguinte, muito tempo depois, governador, meu pai já tinha morrido, vez por outra eu ia lá no Palácio do Governo, que ele me chamava muito, quando ele tinha um resfriado, uma gripe, essa coisa, como médico já, né? Eu ia lá de noite, oito e meia da noite, ele tinha acabado de jantar, estava passeando naquele terraço ali atrás, sozinho, não tinha ninguém! Quase ninguém ia lá. Ele não era de muita conversa, brincadeira não, ele era muito be ... calmo, e ele então, conversamos muito, na hora que eu me despedi, ele virou-se assim pra mim, disse: “Olhe, eu já ia tá assim, uns cinco metros, você se souber que tem alguém roubando no meu governo, você tem a obrigação de vim aqui me dizer, olhou assim, bem sério pra mim e disse. Mesmo que seja um secretário de Estado. “E, fiquei espantado com aquele gesto. “Certo, claro. Não tenha nenhuma dúvida disso”. E fui me embora, foi a última vez que eu vi (...). Você vê a preocupação dele era imensa que existisse corrupção, não é? No dia em que morreu, a noite que ele morreu, eu fui, foi me, me chamar, meia noite mais ou menos, um guarda do palácio, esse homem bateu na porta, eu acordei assim meio assustado, e, ele veio ao meu encontro aos prantos, mas chorava como uma criança. Eu pensei que ele tivesse alcoolizado, esse camarada, não sabia o que era, pensei e disse, esse camarada tomou umas e outras e tá completamente. Pra me dizer o fato. Então por aí você vê, era um simples servçal. (...) E, como ele era realmente um homem querido, porque ele atendia né? de uma maneira toda essa coisa que eu disse a você atender os humildes, dar a eles muito mais carinho, mais atenção, que eles merecem, não é? Porque eles não conseguiram chegar a onde nós chegamos. Muitos não chegaram a terminar o primário, muito men... muito menos ainda a nível superior, não é? Enquanto que nós tivemos a sorte de ter tido isso. De modo que, nós temos um débito com eles. Nós temos que dar a eles realmente esse respeito, não é? E essa compreensão. Isso existiu, tanto num como noutro, todos dois. Os dois irmãos.

TF - Voltando um pouquinho, logo depois de sua formatura, o senhor esteve na Paraíba e no Rio Grande do Norte também, nessas universidades.

AM - Foi. Quem foi que lhe disse?

TF - Seu currículo.

AM - Foi? Eu falei?!

TF - Não. Tá escrito no seu currículo.

AT - No currículo.

AM - Ah! Foi, sim. Sei, sim. Bom, quando eu voltei, em 1954, pós-graduação nos Estados Unidos, foi um curso realmente fantástico, de um ano né? Onde eu realmente me fortaleci muito, trouxe muitas inovações pra anatomia patológica, reformulei muita coisa. E então, começaram a surgir as novas faculdades, primeiro a da Paraíba depois a do Rio Grande do Norte, depois Campina Grande. E, quando chegava no terceiro, quarto ano, a parte de anatomia patológica, era muito difícil, pra Paraíba, pra Rio Grande do Norte ter patologia, porque os patologistas eram mais nos lugares, centros maiores. Então eles vin... os diretores, eles vinham aqui, conversar com o professor titular, na época Prof. Barros Freire, pra pedir ajuda. E então foi assim que eu fui

escolhido e chamado pra ir colaborar na Paraíba, dar o primeiro ano de, de, ensine, de fundar a cadeira. E assim foi. Foi um período difícil, as meninas eram pequenas, e eu me lembro que eu corri muito risco de vida porque, o sistema de viagens era num carro, alugado. Existiam os carros, aqui uma, uma firma que tinha três ou quatro automóveis, chama Carro de Corrida, não sei como era, um nome assim, e a gente telefonava, eu já tinha marcado, toda terça-feira, as cinco horas da manhã, o carro ia me apanhar, apanhava outras pessoas também. Formava uma coletiva, um pequeno sistema, coletivo né? Um a lotação, pronto! uma lotação. E ia pra lá e voltava à tardinha. E esses carros eram tremendos sabe? as vezes, aconteceu uma vez um acidente que foi uma coisa terrível, nessa estrada. E eu me lembro que eu fiquei com muito medo de morrer num acidente desse. Fiz um seguro de vida, com pena da, d, das crianças né? Mas foi um período muito interessante. Porque eu vinha realmente com uma carga muito boa e consegui é o difícil era recurso, eles não tinham recurso, pra montar um laboratório. Foi muita coisa improvisada, com muita dificuldade. Mas, eu consegui, passei um ano. Depois ficou o Abah, não sei se você conhece. Conhece o Abah? O Abah (...) é Guilherme Montenegro Abah.

TF - De onde?

AM - É Guilherme Montenegro Abah. Ele, seu parente é isso?

AT -Ex (...) ex-marido de Eridan.

AM - De Eridan. E o Abah foi comigo também. Eu ia um dia na semana e o Abah ia outro dia. Depois o Abah continuou no segundo ano e eu não aguentei mais.

TF -Pra organizar a Faculdade de Medicina.

AM - A, o, o curso de Anatomia Patológica. Depois, no Rio Grande do Norte, pra se instalar a Faculdade de Medicina, foi preciso que eu desse meu nome, meu currículo pra que figurar como o professor, no terceiro ano, quarto ano, quando começou o curso, eu fui, mas aí nós já tínhamos preparado um outro rapaz mais jovem, muito bem preparado, pra definitivamente ficar lá. E esse rapaz foi, passou uns três ou quatro anos, depois veio um rapaz de lá, da própria faculdade, o Getúlio Sales, passou um ano conosco, aqui em Recife, no nosso departamento, sendo preparado e hoje é o professor de patologia ainda, eu creio. Se instalou muito bem. Então nós tivemos o, o nosso departamento de anatomia patológica teve esse papel muito importante, de ser um gerador da região.

TF - Ainda sobre a sua trajetória, o senhor ficou durante uns vinte anos no Departamento de Saúde da, de Pernambuco, o senhor falou muito pouco nesse, nessa passagem.

AT - Como médico do estado né?

TF - Como médico do estado.

AM - Ah, sim, certo. Porque aí foi o seguinte, nós, o, quando eu me formei logo, é, meu pai ainda era vivo, não tinha, a Faculdade de Medicina era particular, não era federal, não tinha... eles pagavam, não tinha, não tinha salário.

TF - Era Faculdade de Ciências Médicas?

AM - Não, era, não, era Faculdade de, de Medicina Federal, não existia Ciências Médicas. em 1947. Mas, então meu pai conseguiu, através de um primo nosso, que era deputado e tal, um, uma vaga, deu-se uma vaga de médico padrão G, do Hospital Oswaldo Cruz, falecimento de um, e então eles me indicaram, e eu fui pra lá como médico, simplesmente como médico. E foi um período realmente interessantíssimo pra mim, porque aquele hospital era, essencialmente, um hospital de tuberculosos, mas também, um hospital de, de doenças infecciosas no qual incluía a febre tifóide, a disenteria bacilar, disenteria amebiana, doenças de Chagas, a, a, a raiva, as meningites. Então, era esse o quadro, era um quadro pesadíssimo. Eu entrava, eu me lembro, eu entrava no hospital assim, com os braços fechados, com medo de, de ser atingido pelos, pelos bacilos de Koch, era uma coisa horrorosa, porque eles ficavam ali andando, aquelas figuras terríveis dos tuberculosos. Era uma coisa. Vocês não imaginam o que era a tuberculose, era um flagelo.

AT - Qual era o hospital?

AM - Era o Hospital Oswaldo Cruz. Mas eu fiquei encarregado de tomar conta do Pavilhão Carlos Chagas que era um pavilhão de doenças infecto-contagiosas, onde lá estavam doentes de, de tétano, de raiva, uma vez um doente de raiva partiu em cima pra, pra pe... pra, pra nos agredir e, você sabe que é uma doença terrível, todo mundo correu, e, havia realmente um perigo de contágio grande né? Eu me lembro quando, febre tifóide, por exemplo, era uma doença que matava aqui no Recife muita gente, todo ano. Quando apareceu febre ti ... o primeiro medicamento pra febre tifóide, foi a clorobezentina(?), cortenical, o Hospital Oswaldo Cruz me instruiu de poder aplicar cortenical, mas precisava primeiro fazer o teste, a, o teste sorológico pra saber se era realmente febre tifóide ou não. Me lembro de um dia que chegou o senhor, já um homem de setenta anos, velhinho, muito mal e examinei o velho e senti logo, com a experiência a gente conhecia febre tifóide pelo exame clínico, até pela face do cliente, pela história clínica sabia que era febre tifóide, mas, tinha que tirar o sangue e esperar dois dias pra o resultado. Eu vi que o velho não chegava os dois dias, ia morrer. Então chamei aa esposa e um outro rapaz e contei a história: “Olhe, vou fazer com vocês uma coisa errada, mas eu acho que é justa. Existe um remédio na cidade, vocês, gente eu tenho mais ou menos, ele era funcionário de saneamento e tal, você vai e compra e compra esse remédio lá porque o hospital não dá. Porque, nós vamos fazer o soro, a (?) mas quando a (?) sorológica é entregada daqui a 48 horas eu acho que ele não está mais vivo, que a, ele chegou muito tarde já, muito mal.” E eles foram imediatamente, trouxeram, meia hora depois, “tome o remédio”. Aplicamos a dose, eu fui embora pra casa, no dia seguinte de manhã, às oito horas quando eu cheguei, encontrei a freirinha, que era enfermeira, umas irmãs de caridade, já estava esperando no portão, eu disse: “pronto, o velho morreu!” Ela tava rindo, disse: “O velho melhorou”, entendeu? O ve ... a febre caiu, mas, foi uma coisa assim, fantástica. Cinco dias depois o homem tava andando. Eu então senti a força do remédio, a maravilha do remédio. E senti também uma grande satisfação (?). Bom, eu, que eu, de certa forma eu salvei a vida desse homem, porque se eu fosse pelo método, não tinha o lado intuitivo, analítico. “Não, eu tenho que esperar as 24 horas,” o velho tinha morrido, não é? não tinha agüentado. E vi, esse velho muitas vezes andando na rua, as vezes ele passava por mim, olhava pra ele

com tanta alegria. E esse a, velho tem um filho hoje que é um médico muito bom, um méd... um grande médico aqui, hematologista. Acho que ele nem sabe dessa história.

TF - O senhor ficou lá até 70 né? Na, no Departamento?

AM - Não. Sim, foi porque, não, depois o, o, eles criaram uma carreira, no estado, de médico patologista, eu então me candidatei, com meus títulos, pra ser patologista do Estado. Então passei a trabalhar no Serviço, nessa época o Serviço de Verificação de Óbitos já estava separado da, da Faculdade. Então eu comecei a atuar, em autópsias lá, não é? e, complementando exatamente o meu trabalho de patologista. Dava plantões, sistema de plantão, era terrível, eu passava domingos e sábados, fazendo, de plantão, como, como patologista. Muitas vezes não ia à praia com as meninas nem nada, eu acho que eu tinha, tava de plantão, não é? no Serviço de Verificação de Óbitos. Como o Serviço de Verificação de Óbitos era um serviço de, de auto-risco, existe no estado uma (...) uma lei que permite que ele seja aposentado com 25 anos, isso é normal, é comum, não é? Foi assim (...). Agora como, eu fiquei também como professor da, Ciências Médicas é diferente. Em 1949, quando meu pai morreu, (...) e, para 1960, 50, não sei se foi bem, acho que foi em 1950, um ano depois, fundou-se em Recife uma outra escola, de Medicina. isso foi denominada de Faculdade, Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, né? Essa Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco foi fundada, foi organizada pelos professores chamados professores livre-docentes, que era um título, eram professores titulares, mas que não eram o chefe da cadeira, podiam dar cursos, até cursos livres. Então eles se reuniram e as, fundaram a nova faculdade. porque, quando a faculdade se federalizou, muitos os, dos de livre-docência não foram aproveitados. O titular nomeou os seus assistentes de acordo com o seu gosto, e as vezes um titular, um titular não! um livre docente ficou fora e não tinha proventos, então eles resolveram criar, por isso foi criada a.

O professor, nessa época, que era o primeiro assistente de meu pai, que era livre docente, que era o Raimundo Barros Coelho, imediatamente entrou nesse grupo. Apesar de ser primeiro assistente ele achou por bem de entrar nesse grupo, de formar, porque era mesmo o patologista de, melhor, eram os docentes. Acontece que com o falecimento de meu pai, já esperado, em 45, qua...quarenta e nove, ele assumia, quando começou o curso das Ciências Médicas, no terceiro ano, já em mil novecentos e 52 pra 53, o, Barros Coelho me chamou, disse: “Olhe, eu já sou o titular e eu gostaria que você fosse dar as aulas lá, nas Ciências Médicas.” E me indicou, e fiquei como um, assistente dele, dando, me encarregando das aulas. Só que as aulas eram aulas teóricas, as aulas práticas a gente fazia na, no nosso departamento de, de Serviço de Verificação de Óbitos, o que era muito bom, Até quando a faculdade mudou-se de um casarão que ela ocupou ali próxima da outra, para ocupar o hospital Oswaldo Cruz, tinha sido desativado porque a, a tuberculose já era, não era mais uma doença como é, como foi, anos depois, e, inauguraram um hospital novo, chamado Hospital do Sancho, é, lá em e o Hospital Oswaldo Cruz passou fechado uma época, e então ele, o, o... se eu não me engano, foi Antônio Figueira, e, o, (...) os, é (...) é (...) professor de cirurgia,(...) também da, assistente da faculdade, que era de lá, que resolveram organizar,(...) transferir o curso médico para um hospital. Então, foi um hospital-escola, foi realmente uma escola muito boa e eu dava aulas lá e, dava aulas na Faculdade e fiquei nas duas coisas. evidentemente eu, nessa época, tinha deixado já consultório, tinha deixado tudo. Quando eu voltei dos Estados Unidos eu (?) tempo integral né? De modo que essa foi a minha vida. (interrupção)